

# As Mil e Uma Noites

Contos Selecionados

CAPA

Thereza Almeida  
sobre *Xerazad*, de Edmund Dulac

PROJETO GRÁFICO

Thereza Almeida

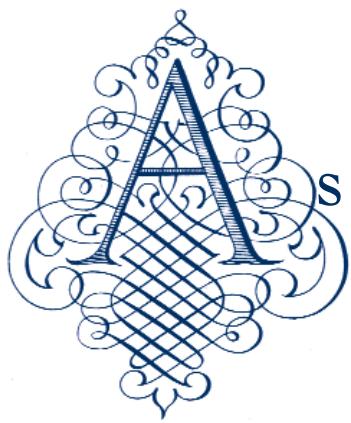
REVISÃO

Mônica de Almeida

COORDENAÇÃO

Francisco Achcar





# As Mil e Uma Noites

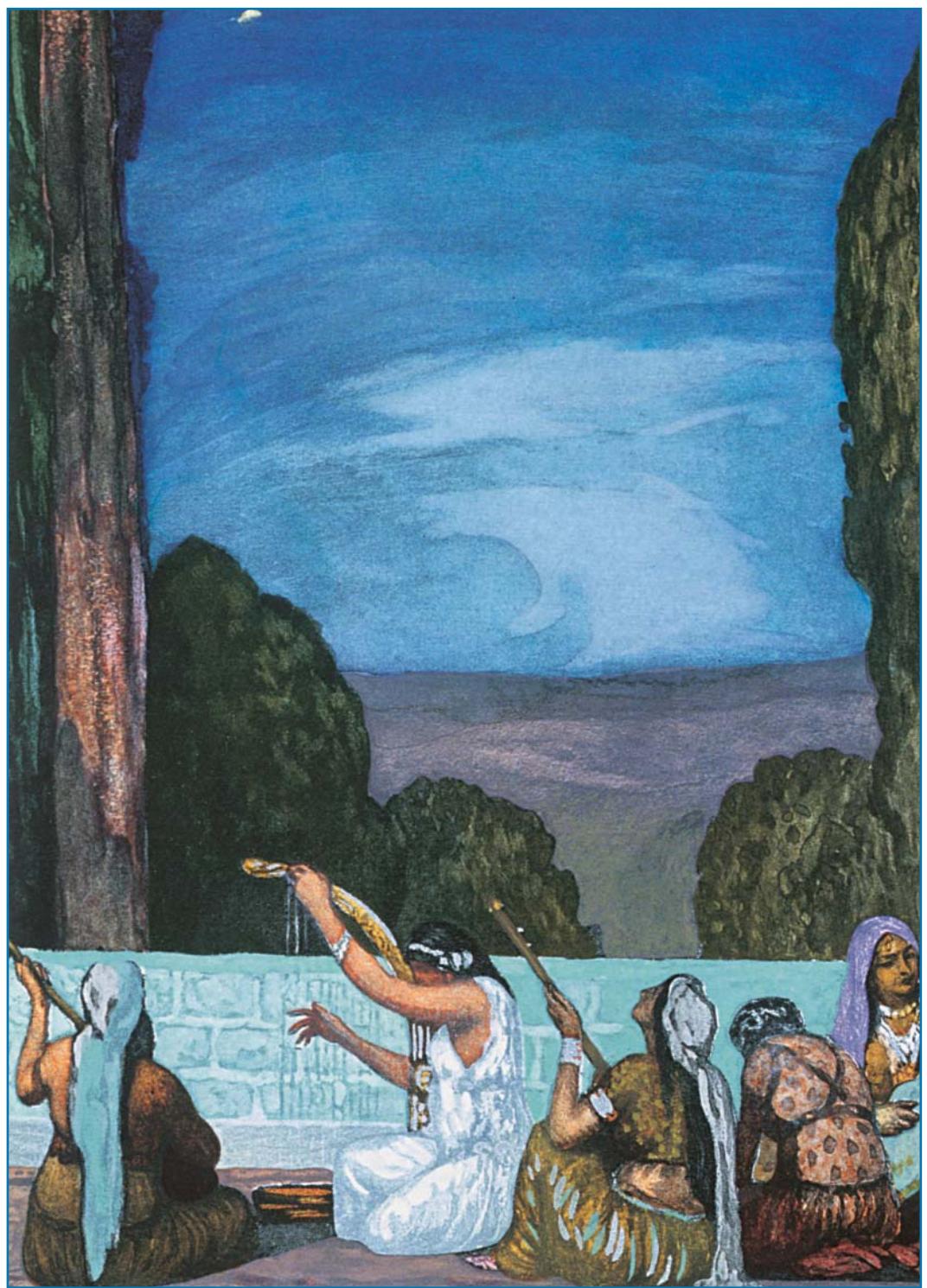
## Contos Selecionados

Seleção, Adaptação,  
Notas e Apresentação

Paulo Sérgio  
de Vasconcellos







# S umário

Apresentação, 8

Influência da civilização árabe  
e islâmica no mundo ocidental, 14

Agradecimento, 19

*As Mil e Uma Noites*, 20

Como tudo começou:  
a história de Xerazad, 22

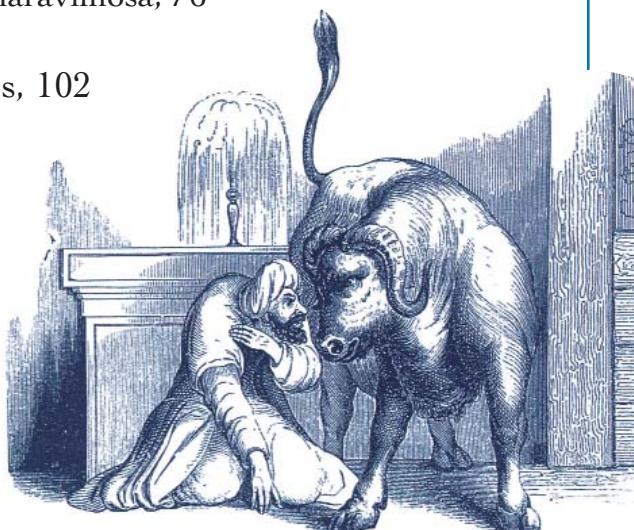
O pescador e o gênio, 36

Ali Babá e os 40 ladrões, 48

Aventuras de Simbad, o marujo, 64

Aladim e a lâmpada maravilhosa, 76

Créditos das ilustrações, 102



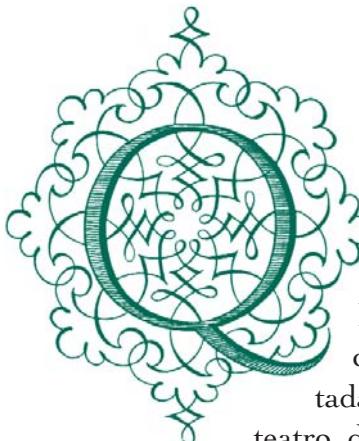


# A presentação

---

*Paulo Sérgio de Vasconcellos*





uando se fala na *Mil e Uma Noites*, imagens de gênios, magos, lâmpadas mágicas, tapetes voadores vêm à nossa mente. Não há quem não tenha ouvido falar em Aladim ou Ali Babá, cujas histórias têm sido recontadas inúmeras vezes em livros, filmes, peças de teatro, desenhos animados. Como acontece com muitas obras antigas de quase todos os povos, os textos que hoje lemos eram, no início, histórias contadas oralmente através dos tempos, passadas de geração a geração.

Ao falar na *Mil e Uma Noites*, pensamos também num mundo exótico situado na Arábia. A origem dessas histórias, narradas em árabe, é controversa. Segundo algumas fontes, teriam surgido na antiga Pérsia (hoje, Irã). Segundo outras, teriam sido inicialmente elaboradas em Bagdá, no século IX. Seja como for, as narrativas mencionam vários países: não apenas a Arábia, o Iraque (cuja capital, Bagdá, foi um dia um poderoso centro cultural), como também Índia, norte da África (de onde vem, como se verá, o mago da história de Aladim e a lâmpada maravilhosa) e, até mesmo, China (onde se passa essa narrativa).

Como pano de fundo dessas histórias, tem-se o mundo islâmico, fundado na religião muçulmana ou islâmica, cujo iniciador foi o profeta Maomé (em árabe, *Muhammad*), que nasceu por volta de 570 d.C. na cidade de Meca, na Arábia Saudita. A religião islâmica é monoteísta, como a católica: acredita na existência de um só deus<sup>1</sup>, que teria ditado ao profeta, através do arcanjo Gabriel, o texto do *Alcorão* (li-

1. A palavra Deus em árabe é *Alláh*.

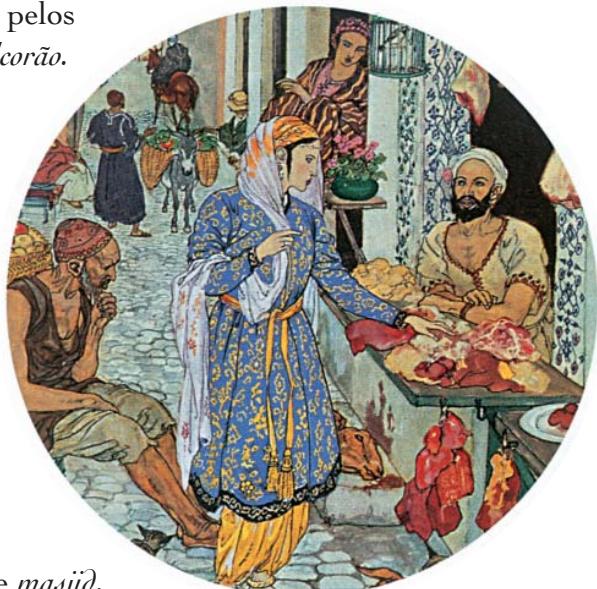
teralmente, “A leitura recitada”), livro sagrado dos muçulmanos. Islã vem do árabe *islám* e significa “submissão voluntária (a Deus)”. No *Alcorão*, além de ensinamentos sobre a fé, encontram-se, em linguagem poética, regras para a conduta das pessoas em seu dia-a-dia, para a administração da justiça, etc. Mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo hoje se guiam pelos ensinamentos contidos no *Alcorão*.

Mas convém lembrar que islâmico ou muçulmano não significa, necessariamente, árabe: os muçulmanos não-árabes hoje em dia são muito mais numerosos que os muçulmanos árabes.

Além do Oriente Médio, há muçulmanos no norte da África, na Índia, Indonésia e China.

O templo muçulmano, a mesquita (da palavra árabe *masjid*, que significa “lugar de adoração”), não apresenta imagens de santos, ao contrário do que ocorre na tradição católica. O artista, ao desenhar ou esculpir uma figura viva, estaria, simbolicamente, como que dando vida a um ser, o que seria, para um muçulmano, uma espécie de sacrilégio, pois o único criador é Deus. Não obstante, sempre houve artistas muçulmanos que representaram figuras humanas.

Foi um francês, Antoine Galland<sup>2</sup> (1646-1715), quem primeiramente tornou *As Mil e Uma Noites* conhecidas dos europeus, através de uma tradução para o francês de cerca de um terço da obra original. É a versão mais conhecida e foi nela que baseamos esta nossa seleção. Antoine Galland era

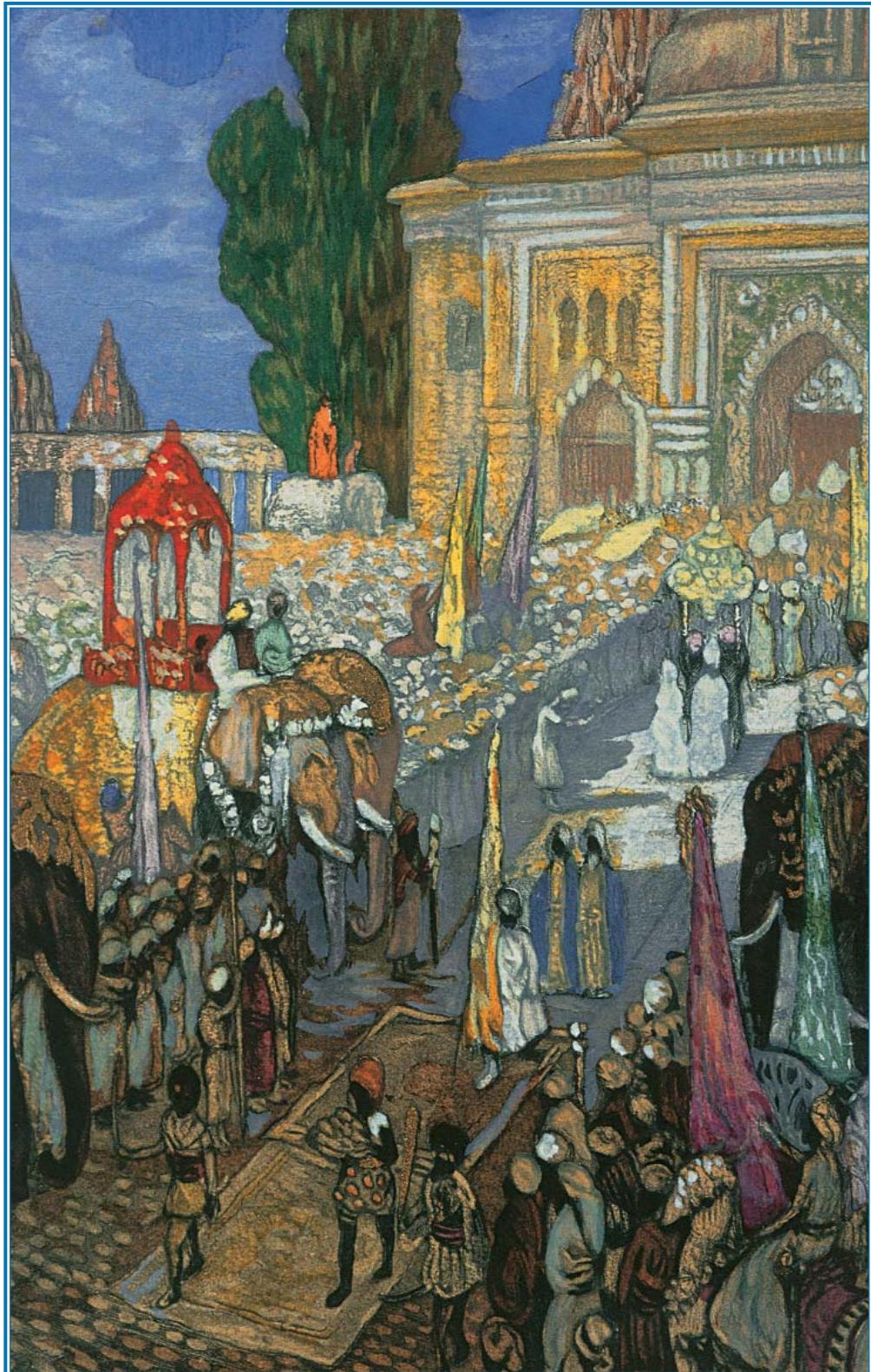


2. Antoine Galland: pronuncia-se *antuán(e) galā*.

arqueólogo, estudioso de línguas e do mundo oriental; viajou várias vezes para o Oriente e aprendeu o árabe, o turco e o persa. De lá para cá, muitas outras versões se fizeram, em várias línguas; uma das mais conhecidas é a inglesa, realizada por Richard Burton (1821-1890) e publicada em 1885.

Richard Francis Burton foi um explorador muito erudito, que conhecia várias línguas e viajou para a Índia, o Oriente Médio, o Egito e a África. Burton esteve também no Brasil, em missão consular, de 1864 a 1867, ano em que explorou as margens do rio São Francisco. Outra curiosidade sobre Burton é que foi ele quem descobriu a nascente do rio Nilo, uma questão que vinha sendo discutida desde a Antiguidade.





## *Influência da civilização árabe e islâmica no mundo ocidental*

---

Há alguns anos, por causa das duas guerras dos Estados Unidos com o Iraque e da guerra no Afeganistão, temos ouvido falar muito no Islamismo. Na mídia, vimos mulheres, sob o regime do Talebã, no Afeganistão, obrigadas a se cobrir com véu dos pés à cabeça (embora esse costume não seja mencionado no *Alcorão*, é comum em países como o Irã), bem como notícias sobre as disputas entre xiitas e sunitas no Iraque, ou mulheres adúlteras condenadas ao apedrejamento em países muçulmanos na África. Esses aspectos negativos não nos devem fazer esquecer a riqueza cultural do mundo muçulmano nem nos dar uma visão errada de uma civilização que tanto influenciou o Ocidente. Acima de tudo, devemos tomar cuidado para não ter desse mundo a idéia de uma cultura atrasada ou ultrapassada, uma visão estereotipada e falsa que por vezes os meios de comunicação parecem nos querer transmitir.

Você sabia que o mundo islâmico, que se iniciou entre os árabes mas se expandiu por várias regiões do mundo, já foi um império poderoso, com uma civilização muito avançada na ciência, na tecnologia, nas artes, na medicina, muito à frente do Ocidente? E que há muitas influências dessa civilização em nossa cultura?

A língua portuguesa conserva muitas palavras de origem árabe, povo que dominou a península ibérica, onde surgiria

Portugal, e ali ficou do século VIII ao século XV! Muitos vocábulos que começam com *al* (em árabe, é o correspondente ao nosso artigo) são de origem árabe: *almoço*, *alface*, *álcool*, *almoxarifado*, *alquimia*, *algodão*. Mas não apenas esses; poderíamos recordar *café*, *xarope*, *azar* (de uma palavra árabe para “dado” ou “jogo de dados”: *az zahr*), etc.

Não é à toa que a palavra *álgebra* é de origem árabe também, pois os árabes foram excelentes matemáticos. Foi deles que herdamos os números chamados arábicos (na verdade, de origem hindu): 1,2,3..., que substituíram quase completamente os numerais romanos: I, II, III... O conceito de zero é de origem indiana, mas foram os árabes que lhe deram uma utilização prática e o transmitiram ao Ocidente.

A palavra árabe era *sifr*, que significa “vazio”; esse termo está na origem não apenas da palavra *zero* como também de *cifra*. Além de matemáticos, os árabes foram grandes astrônomos, médicos, botânicos e filósofos.

Quanto aos hábitos alimentares e à agricultura, basta lembrar que foi através dos árabes que o Ocidente conheceu o arroz, o açúcar, o limão, a laranja, a cana-de-açúcar, entre outros produtos.

Os árabes também preservaram obras importantes da Antiguidade, como as do filósofo grego Aristóteles. Em certo período da história, tiveram uma escola de medicina que era das melhores do mundo.



## Você sabia...?

...que há no Brasil, segundo o censo do IBGE de 2000, pouco mais de 27.000 muçulmanos?

...que um dos deveres sagrados de todo muçulmano, homem ou mulher, é a peregrinação à cidade de Meca, na Arábia Saudita, berço do profeta Maomé, pelo menos uma vez na vida? O explorador Richard Burton disfarçou-se de peregrino e fez a viagem à cidade sagrada dos muçulmanos. O muçulmano deve rezar com o rosto voltado para Meca. De acordo com um costume antiqüíssimo, em Meca os peregrinos dão sete voltas em torno do santuário chamado Cáaba e beijam uma pedra negra (na verdade, um meteorito) que há ali.

...que os muçulmanos não comem carne de porco, animal considerado impuro, e são proibidos de se divertir com jogos de azar?

...que a Hégira foi a emigração de Maomé e seus aliados, de Meca, onde eram perseguidos, para Medina, em 622? A palavra *Medina* significa “Cidade”, elipse de *Mađinat Annabi*, “cidade do Profeta”. A Hégira marca o início oficial da era e do calendário muçulmano.



...que a palavra algarismo vem do árabe *al-Khawarizmi*, nome de um famoso matemático que escreveu um tratado de álgebra?

...que, na visão do *Alcorão*, todos os homens são iguais, independentemente de sua nacionalidade, cor, etc., mas estão divididos em muçulmanos e não-muçulmanos ou infiéis?

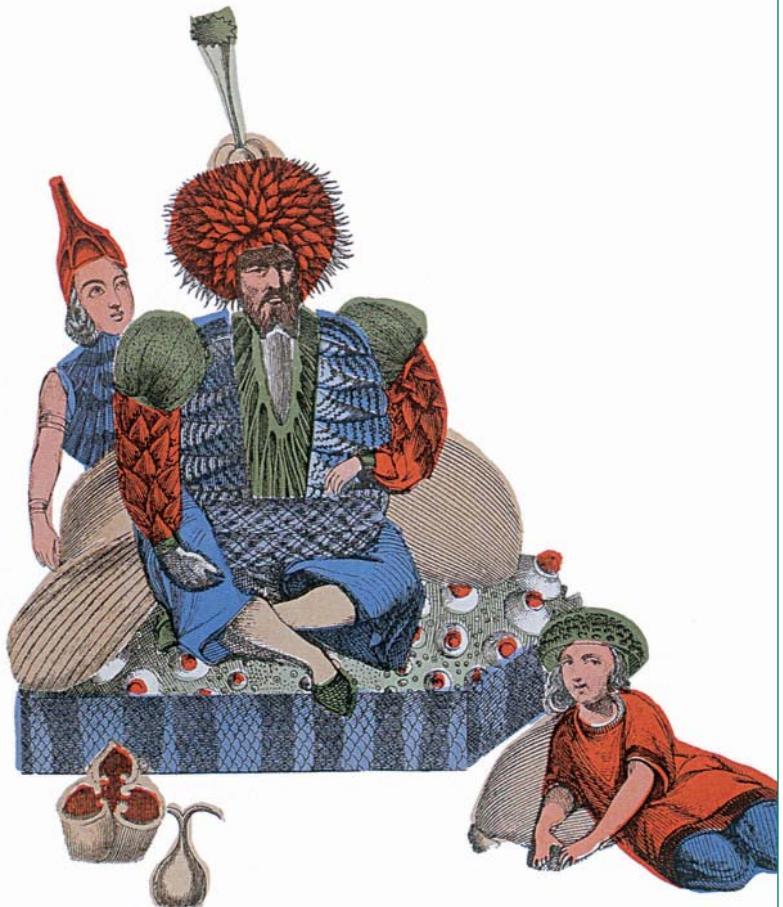
...que o *Alcorão* justifica a autoridade dos homens sobre as mulheres mencionando uma suposta superioridade masculina? De início, na Arábia islâmica as mulheres estavam sempre subordinadas a um parente masculino ou ao marido, que tinha sobre elas uma espécie de direito de propriedade. Algo semelhante acontecia na antiga Roma. Em certos países muçulmanos a condição feminina ainda hoje é muito difícil. Por outro lado, nas *Mil e Uma Noites* há figuras femininas retratadas muito positivamente, como Xerazad e a escrava Morjana (na história de Ali Babá).



*Mais palavras portuguesas  
derivadas do árabe*

Açafrão, acelga, acém, açougue, açoite, açucena, açude, alambique, alarde, alazão, alcaparra, aldeia, alecrim, alfafa, alfazema, alferes, alforria, algaravia, alicate, alicerce, algazarra, algema, alicate, alicerce, almeirão, almirante, alvará, alvoroço, âmbar, andaime, argola, armazém, arsenal, atalaia, atum, azeite, azeitona, azulejo, balde, bar, bisnaga, bolota, cabide, caravana, chafariz, damasco, enxaqueca, enxoval, farda, forro, fulano, gengibre, gazela, girafa, leilão, macio, marfim, massmorra, múmia, naipe, oxalá, quilate, quintal, recife, redoma, refém, rês, romã, sanguão, sapato, sorvete, tagarela, talco, tambor, tarefa, tarifa, tarrafa, xerife.

*Agradecemos  
ao Prof. Mamede Mustafa Jarouche,  
da disciplina de Língua e Literatura Árabe  
da Universidade de São Paulo,  
por suas competentes indicações e correções.  
As falhas que porventura subsistam  
neste trabalho são de nossa  
inteira responsabilidade.*







# As Mil e Uma Noites



# C omo tudo começou: a história de Xerazad

---





ouve, muito tempo atrás, um rei poderosíssimo, da dinastia dos antigos reis persas, que dominaram até a Índia e a China. Seu povo o amava por sua sabedoria e prudência. Quando morreu, o poder passou às mãos do filho mais velho, Xariar. Homem justo, Xariar fez questão de que seu irmão mais novo, Xazaman, também governasse ao seu lado. Deu-lhe, então, um de seus reinos, cuja capital era a cidade de Samarcanda<sup>3</sup>. Passaram-se vinte anos de prosperidade, cada irmão vivendo em seu reino. Mas um dia Xariar, não suportando mais a saudade, decidiu rever Xazaman. Ordenou a seu grão-vizir<sup>4</sup> que fosse até o irmão entregar-lhe os mais ricos presentes e um convite para vir visitá-lo.

– Seu desejo é uma ordem – disse o grão-vizir.  
E partiu o mais rápido que pôde.

Ao saber que o grão-vizir se aproximava da

3. A cidade de Samarcanda fica, atualmente, na fronteira do Afeganistão. Estava na *rota da seda*, pela qual seda e outros produtos eram trazidos da China, através da Índia. Samarcanda pertence hoje ao Uzbequistão, que já foi parte da União Soviética e é país muçulmano.

4. *Grão-vizir*: auxiliar influente do soberano, era uma espécie de primeiro-ministro do reino. Em árabe moderno, *vizir* significa “ministro”.

cidade, Xazaman foi ao seu encontro e pediu notícias do irmão. O grão-vizir, então, transmitiu as palavras do soberano. Xazaman ficou comovido e disse:

– Meu irmão, o sultão<sup>5</sup>, honra-me com esse convite. Estou morto de vontade de o rever. Mas preciso de dez dias para preparar a viagem e partir. Fiquem em meu reino e partiremos juntos. Não é preciso que vocês se desloquem até a cidade: armem aqui mesmo suas tendas. Ordenarei que você e a sua comitiva sejam muito bem tratados!



O vizir aceitou a oferta. Xazaman se dirigiu a Samarcanda para cuidar dos preparativos da viagem. Nomeou um conselho para cuidar de tudo durante a sua ausência; no comando, colocou um homem de sua total confiança. Dez dias depois, encaminhou-se até onde estavam as tendas. Então, desejando abraçar a esposa mais uma vez antes da partida, voltou sozinho ao palácio. Foi até os aposentos da rainha; ela, que não esperava revê-lo tão cedo, tinha introduzido no quarto um dos criados do marido. Qual não foi a emoção de Xazaman quando, chegando sem fazer ruído para fazer uma surpresa

5. *Sultão*: governante muçulmano.

à esposa, por quem se julgava muito amado, avistou em seu quarto, à luz das tochas, um outro homem!<sup>6</sup>

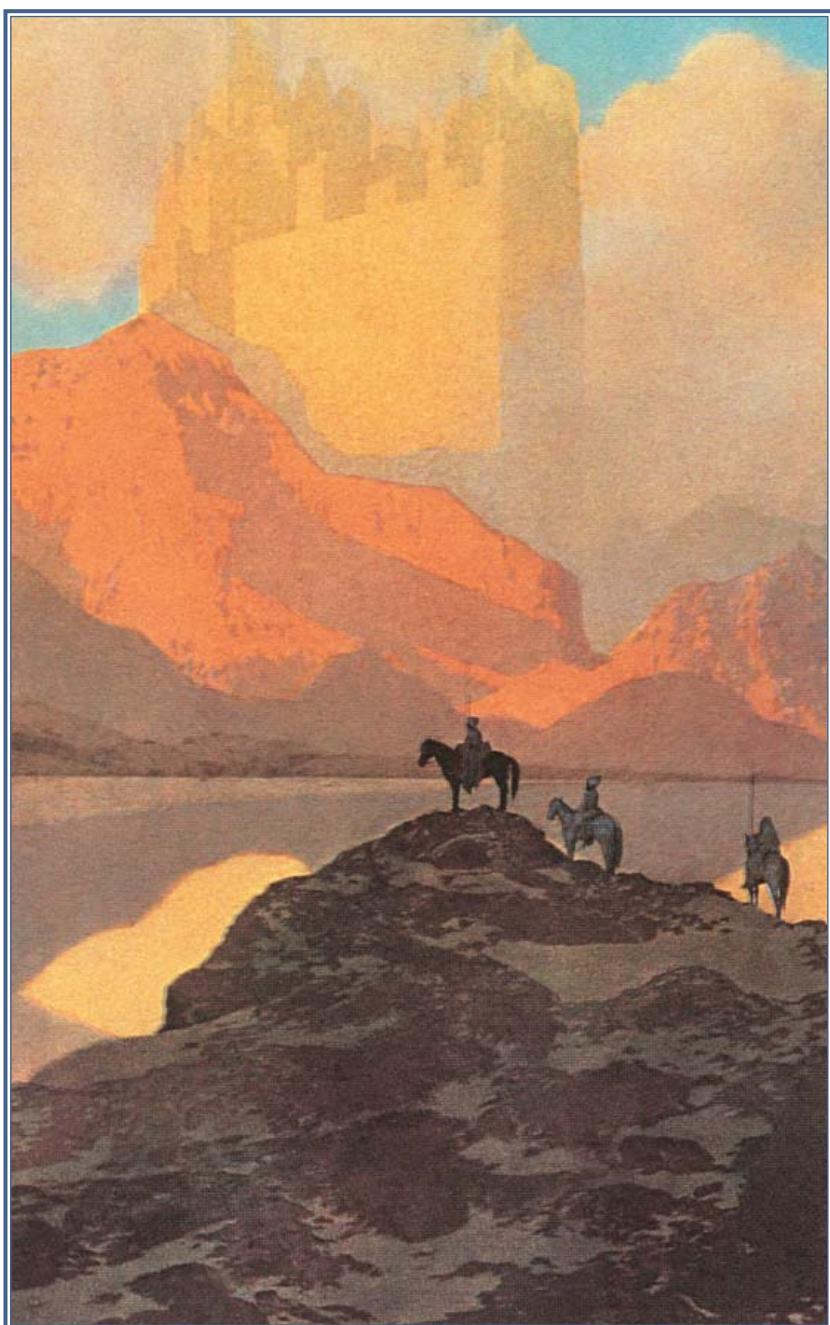
Furioso, Xazaman pegou seu sabre e, num segundo, deu aos dois o sono da morte. Em seguida, saiu da cidade e se dirigiu às tendas. Sem contar a ninguém o que tinha acontecido, deu ordem de partir imediatamente. Antes de raiar o dia, partiram todos.

É fácil imaginar a alegria de Xariar e Xazaman quando se reencontraram depois de tantos anos! Abraçaram-se, trocaram mil manifestações de afeto e entraram na cidade, em meio aos gritos de alegria da multidão. O sultão levou seu irmão a um palácio que tinha comunicação com o seu e possuía um belíssimo jardim.<sup>7</sup>

À noite, celebraram o reencontro com um jantar que durou até tarde. Depois, cada um se recolheu a seu quarto. Xazaman tinha passado momentos de alegria ao lado do irmão; mas, quando se viu sozinho em sua cama e pensou na infidelidade da esposa, ficou angustiado. Incapaz de dormir, levantou-se. Tão triste estava que seu rosto denunciava seus sentimentos. O irmão notou:

“– Que está acontecendo com ele? Estará com saudades de seu reino e de sua esposa?”

6. Uma passagem do *Alcorão* recomenda que as esposas sejam obedientes e conservem sua virtude na ausência do marido; aos adúlteros, o livro prescreve cem chicotadas.
7. Os jardins têm grande importância na cultura árabe desde antes do Islamismo. Os soberanos construíam jardins que simbolizavam o paraíso e se destinavam não apenas ao prazer, mas também à contemplação e à meditação. No *Alcorão* fala-se em jardins cortados por rios como recompensa divina para os benfeiteiros.



Na manhã seguinte, Xariar deu de presente ao irmão o que a Índia produz de mais valioso e de mais belo e fez o possível para divertir-lo. Mas Xazaman parecia ainda mais triste.

Um dia Xariar organizou uma caçada numa região distante do reino; a viagem até lá demorava cerca de dois dias. Xazaman não quis acompanhar o irmão; deu como pretexto sua saúde, que não estaria boa. O sultão aceitou a desculpa e partiu com toda a sua corte. Sozinho no palácio, Xazaman se recolheu a seu quarto e pôs-se a olhar o jardim através de uma janela. De repente, algo chamou sua atenção: uma porta secreta se abriu e por ela saíram vinte mulheres; ao lado delas, estava a sultana. Xazaman via a cena sem ser visto. De repente, as mulheres tiraram o véu,<sup>8</sup> e ele pôde ver que, na verdade, eram dez homens com as mulheres! Então a sultana bateu palmas, chamando:

– Massud! Massud!

Àquele chamado, um homem desceu do alto de uma árvore e foi até a sultana.

Xazaman, então, percebeu que Xariar era tão infeliz quanto ele. Sem dúvida, aquela era a sorte de todos os maridos: serem traídos. “– Já que é assim,

8. Em certos países muçulmanos, especialmente no Irã, as mulheres devem usar em público o *xador*, um véu que recobre todo o corpo. No Afeganistão, na época do regime dos Talebãs, as mulheres eram obrigadas a usar em público a *burca*, uma roupa que só deixa os olhos à mostra. O uso do véu e a separação das mulheres (afastadas dos olhares masculinos dos homens de fora da família) eram práticas difundidas na maior parte do mundo islâmico. Movimentos de defesa dos direitos da mulher (inclusive muçulmanos) lutam contra o uso do véu, mas encontram resistência por vezes até mesmo das próprias mulheres.

por que me atormentar lembrando o tempo todo uma infelicidade que é tão comum?" – disse ele a si mesmo. E daquele momento em diante esqueceu a tristeza.

Mandou que lhe preparassem o jantar e comeu com apetite. Nos dias que se seguiram, estava alegre e bem-disposto.

Quando Xariar retornou da caça, espantou-se ao ver como o estado de espírito do irmão havia mudado. E quis saber dele o motivo. Xazaman respondeu:

– Você é meu sultão e meu senhor, mas, eu suplico, não exija que eu responda a essa pergunta!

Xariar insistiu e, então, Xazaman contou tudo sobre a infidelidade da rainha de Samarcanda, sua própria esposa.

Xariar aprovou o modo como o irmão tinha reagido:

– Meu irmão, que história mais terrível essa! Você fez bem em castigar os traidores; foi uma ação justa. Agora comprehendo a sua tristeza. Mas me conte o motivo de sua alegria.

Xazaman tentou inutilmente fazer com que o irmão desistisse de querer uma resposta àquela pergunta. Xariar ficou ainda mais curioso, e ele teve de contar tudo o que acontecera durante a ausência do sultão. Terminou a história assim:

– Tendo visto tantas infâmias, cheguei à conclu-



são de que todas as mulheres se comportam assim. É tolice fazer com que a nossa serenidade dependa da fidelidade delas. Por isso, o melhor é consolar-se!

Xariar inicialmente se recusou a acreditar no que o irmão lhe contara. Xazaman, então, propôs que os dois fingissem ir a uma caçada e se ausentassem do palácio. Na mesma noite da partida, retornariam aos aposentos de Xazaman. Assim se fez. Partiram e, ao cair da noite, o sultão mandou que seu vizir ficasse no comando dos homens e não permitisse que ninguém saísse do acampamento. Os irmãos partiram sozinhos a cavalo até o palácio e, pela janela do quarto de Xazaman, viram a porta secreta se abrir, os dez homens disfarçados aparecerem acompanhados das mulheres, e a sultana chamar por Massud.

Enfurecido, Xariar deu ordem ao grão-vizir de estrangular a esposa. Com suas próprias mãos, cortou a cabeça de todas as mulheres que acompanhavam a sultana. E, daquele dia em diante, decidiu que jamais voltaria a confiar nas mulheres. Ele se casaria com elas por uma noite e as faria estrangular no dia seguinte.

Pouco tempo depois, Xazaman regressou a seu reino.

Foi assim que o revoltado Xariar pôs em prática seu plano. Casava-se com uma das moças do reino, passava com ela uma noite, mas no dia seguinte mandava que fosse estrangulada. A cidade ficou abalada com aquela desumanidade. Pais e mães choravam por suas filhas. Todos temiam que elas se tornassem vítimas do sultão.





O grão-vizir tinha duas filhas: a mais velha se chamava Xerazad e a mais nova, Dinarzad. Xerazad tinha grande coragem e inteligência; lia muito e tinha uma memória fabulosa. Era belíssima e muito virtuosa. O grão-vizir a amava muito. Um dia Xerazad lhe disse:

– Meu querido pai, quero lhe pedir um favor. Peço que não me recuse o que desejo! Quero dar um basta nas crueldades do sultão contra as famílias desta cidade.

– Sua intenção é muito justa, filha. Mas como pretende conseguir isso?

– Casando-me com o sultão.

O vizir horrorizou-se com aquelas palavras. Mas nada do que disse à filha pôde fazer com que Xerazad desistisse de seu plano. O pai, vencido pela insistência da moça, finalmente consentiu: angustiado, foi até o sultão e lhe disse que naquela noite lhe traria a filha. O sultão ficou muito espantado e ameaçou:

– Mas saiba que, de manhã, eu lhe darei ordens para estrangulá-la. E se você se recusar, mandarei matá-lo!

Quando o pai contou à filha que Xariar aceitara casar-se com ela, Xerazad ficou muito contente, como se tivesse recebido a melhor notícia do mundo. Agradeceu a seu pai e o consolou, assegurando-lhe que ele não se arrependeria por tê-la dado em casamento ao sultão. Depois, chamou a irmã e lhe disse em segredo:

– Querida irmã, preciso de sua ajuda. Pedirei ao

sultão que você durma no quarto nupcial. Amanhã, uma hora antes de raiar o dia, acorde-me e diga: "Minha irmã, por favor, conte uma daquelas belas histórias que você conhece!"

De noite, Xerazad foi levada ao quarto nupcial e, chorando, implorou que a irmã Dinarzad pudesse passar a noite ali ao seu lado. O sultão concordou. Quando faltava uma hora para raiar o dia, a irmã fez exatamente como Xerazad havia pedido; acordou-a uma hora antes do nascer do sol, dizendo:

– Minha querida irmã, antes que nasça o dia, conte uma daquelas belas histórias que você conhece! Talvez seja a última vez que terei o prazer de ouvi-las!

Xerazad, então, começou a contar uma história. Quando chegou a um ponto decisivo, interrompeu a narrativa, dizendo:

– Que pena, o dia já nasceu. Não vou poder contar o final de minha história... A continuação é ainda mais bonita e interessante. Mas eu não poderei contar a você, cara irmã, a menos que o sultão permita que eu a retome na próxima noite...

O sultão, que já gostara muito do que Xerazad contara e ficara cheio de curiosidade em saber o que aconteceria depois, decidiu não matar a moça para poder ouvir o final daquela história. Mas, na noite seguinte e nas outras, Xerazad usou da mesma astúcia. Quando terminava uma história, começava a contar outra ainda mais interessante. A cada dia, prosseguia em sua narração até um certo ponto e, fazendo suspense, interrompia-a num momento deci-

sivo, despertando a curiosidade do sultão, que dizia a si mesmo:

“– Vou deixá-la viva só mais esta vez para saber como essa história maravilhosa termina; mas amanhã, sem dúvida, mando executá-la.”

E assim, por meio das histórias da *Mil e Uma Noites*, Xerazad conseguiu enfeitiçar o esposo e adiar a morte. O sultão se encantava com as narrativas, com a memória fabulosa da esposa e com sua incrível coragem. Por fim, um dia lhe disse:

– Querida Xerazad, vejo que as suas maravilhosas histórias não têm fim. Você conseguiu acabar com o ódio que eu alimentava contra todas as mulheres: meu amor por você me leva a renunciar àquela lei cruel que eu tinha estabelecido. Você salvou todas as moças que eu iria ainda sacrificar para satisfazer minha raiva. O grão-vizir foi o primeiro a saber daquela notícia, que em pouco tempo se espalhou por toda a cidade. Assim, de todas as partes do país se ouviram muitos elogios e bênçãos para o sultão e sua adorável esposa Xerazad.



O

pescador e o gênio

---





avia um pescador muito velho e muito pobre que mal conseguia ganhar dinheiro para não deixar morrer de fome sua mulher e seus três filhos. Todos os dias, de madrugada, ele saía para pescar. Lançava sua rede ao mar quatro vezes.

Um dia, numa noite de lua, foi até a praia. Tirou a roupa, entrou na água e lançou a rede.

Quando a puxou, sentiu resistência. Pensou: “– Desta vez, fiz uma boa pescaria!” – e ficou muito contente. Porém, quando foi ver o que estava nas malhas da rede, notou que não passava de uma carcaça de burro, e passou da alegria à mais completa tristeza.

O pescador, então, costurou a rede, que tinha-se rasgado com a carcaça, e a lançou de novo às águas. Ao puxá-la, sentiu grande resistência e concluiu: “– Ah, desta vez minha rede está cheia de peixes!”. Mas só encontrou nas malhas da rede um grande cesto cheio de areia e lama. Ficou desesperado e disse:

– Ó sorte!, deixe de estar com raiva de mim. Não persiga um pobre coitado que está suplicando para que você o poupe! Saí de minha casa e só vim ganhar o meu sustento; você me anuncia a morte!

Não sei fazer outra coisa para sobreviver, mas, apesar de todos os meus esforços, não consigo nem mesmo satisfazer as necessidades mais básicas de minha família.

Pondo fim a suas queixas, o pescador jogou o cesto e, depois de ter lavado cuidadosamente a rede enlameada, lançou-a ao mar pela terceira vez. Mas só conseguiu tirar das águas do mar pedras e sujeira. Quase enlouqueceu de tanto desespero. Entretanto, como o dia começava a nascer, não se esqueceu de sua prece, como bom muçulmano.<sup>9</sup> Em seguida, suplicou:

– Meu Deus, bem sabeis que só lanço a rede quatro vezes por dia. Já a joguei três vezes, e nada consegui com o meu trabalho. Só me resta uma chance. Suplico: fazei o mar favorável a mim!

Terminada a prece, lançou a rede pela quarta vez. Quando achou que deveria haver peixe, puxou-a sem muito esforço. Não, não havia peixe, mas, em vez disso, um estranho vaso de cobre que, pelo peso, pareceu estar cheio. Estava fechado e lacrado com chumbo. “– Vou vendê-lo e, com o dinheiro, comprarei trigo”, pensou ele.

Depois de examinar o vaso cuidadosamente, o pescador sacudiu-o para ver se o que havia dentro dele fazia barulho. Não pôde ouvir coisa alguma. Pensou que deveria estar cheio de algo muito precioso. Para acabar com a dúvida, pegou sua faca e abriu-o com um pouco de esforço. Virou a boca do vaso para o chão, mas nada saiu, o que o deixou muito espantado. Então, colocou o vaso na sua

9. A reza é uma atividade fundamental para os muçulmanos, que fazem suas orações cinco vezes por dia.

frente. Enquanto o observa, eis que sai do interior do vaso uma densa fumaça. O pescador recua, assustado. A fumaça se eleva até as nuvens e forma um nevoeiro intenso sobre o mar e a praia. Que era aquilo?

Quando a fumaça saiu totalmente do vaso, juntou-se e tornou-se um corpo só, do qual se formou um gênio duas vezes mais alto do que o mais alto de todos os gigantes.<sup>10</sup> Vendo monstro tão monstruosamente grande, com cara de poucos amigos, o pescador quis fugir, mas, aterrorizado, nem conseguiu se mover! O gênio disse com uma horrível voz de trovão:

– Salomão, grande profeta de Deus, perdoai-me! Nunca mais me oporei à vossa vontade e obedecerei a todas as vossas ordens.

Assim que ouviu as palavras do gênio, o pescador lhe disse:

– Ó espírito orgulhoso, que você está dizendo? Faz séculos que Salomão, o profeta de Deus, está morto. Mas conte-me a sua história. Por que estava encerrado nesse vaso tão pequeno?

O gênio, então, lançando um olhar orgulhoso e cheio de ódio ao pescador, respondeu:

– Dirija a palavra a mim com mais respeito! Você é bem atrevido em me chamar de espírito orgulhoso!

– Pois bem, falarei com mais respeito se chamar

10. Os gênios, ou *jīn*, na crença muçulmana, são seres superiores aos homens e inferiores aos anjos e podem ser bons ou maus. Essa crença em espíritos que habitam fontes ou árvores e podem ficar encerrados em certos objetos é pré-islâmica.

você de ave da felicidade? – perguntou o pescador.

– Eu estou lhe dizendo: dirija-me a palavra com mais respeito antes que eu o mate!

– E por que você me mataria? – replicou o pescador. – Acabo de pôr você em liberdade, já esqueceu?

– Não, não esqueci. Mas isso não me impedirá de matá-lo; e só concedo a você uma graça – disse o gênio.

– E qual é essa graça? – perguntou o pescador.

– Você pode escolher a maneira pela qual quer que eu o mate.

– Mas que mal eu lhe fiz? É essa a recompensa que eu recebo pelo bem que fiz a você?

– Não posso tratá-lo de outra maneira – respondeu o gênio. E passou a contar sua história:

“Sou um dos espíritos rebeldes que se revoltaram contra a vontade de Deus. Todos os outros gênios reconheceram o poder do grande Salomão<sup>11</sup> e a ele se submeteram. Eu e mais um outro fomos os únicos a não querer cometer essa baixeza. Para se vingar, Salomão encarregou Assaf, o filho de seu primeiro-ministro, de ir buscar-me e levar-me a sua presença. Ordenou, então, que eu abandonasse meu modo de vida, reconhecesse seu poder e me submetesse às suas ordens. Recusei e preferi expor-me a seu ódio a prestar-lhe juramento de fidelidade e submissão. Querendo me castigar, encerrou-me neste vaso de cobre. Para que eu não pudesse escapar, na tampa de chumbo do vaso pôs

11. Para os muçulmanos, o rei Salomão tinha o poder de controlar as criaturas sobre-humanas, como os gênios.

seu sinete, onde está escrito o nome de Deus. Depois, mandou que um dos gênios que lhe obedeciam atirassem o vaso ao mar, o que fizeram. No primeiro século de meu aprisionamento, jurei que, se alguém me livrasse antes de se passarem cem anos, eu o faria milionário. Mas os cem anos se passaram e ninguém apareceu para me prestar tão bom serviço. No segundo século, jurei revelar todos os tesouros da terra para quem me libertasse, mas ainda dessa vez não tive sorte. No terceiro, prometi fazer do meu libertador um poderoso soberano, estar sempre ao seu lado em espírito e conceder-lhe três desejos todo dia, qualquer desejo! Mas também esse século se foi, assim como os outros, e eu continuei na mesma situação. Finalmente, enraivecido por me ver preso por tão longo tempo, jurei que, se alguém me livrasse, eu o mataria sem dó nem piedade e não lhe concederia outra graça senão a de escolher o tipo de morte pela qual morreria. Assim, uma vez que você me libertou hoje, só lhe resta escolher a maneira pela qual quer que eu o mate!"

Aquelas palavras deixaram o pescador desesperado:

– Sou realmente desgraçado! Vim aqui prestar um grande serviço a um ingrato. Suplico-lhe: pense na injustiça que você está praticando e anule um juramento tão pouco sensato! Se você me perdoar, Deus o perdoará. Se me deixar viver, Ele o protegerá em todas as situações críticas de sua vida.

– Não, não: sua morte é certa! – respondeu o gênio. – Falta só você escolher a maneira como

deseja morrer.

– Ai de mim! Tenha piedade! Lembre-se do que fiz por você!

– Já lhe disse: é justamente por essa razão que eu sou obrigado a matá-lo.

– É estranho, não entendo por que você quer pagar o bem com o mal – prosseguiu o pescador, provocando a réplica do gênio:

– Não vamos perder mais tempo! Suas palavras não me farão mudar de idéia. Vamos logo: diga-me como deseja morrer.

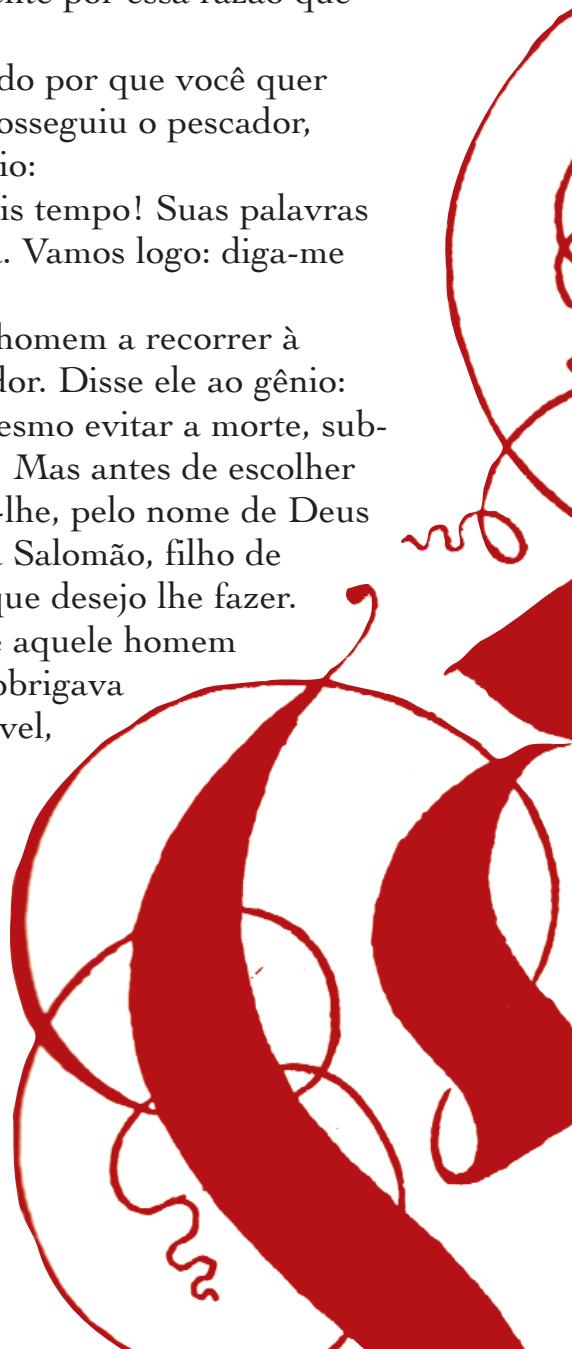
A necessidade obriga o homem a recorrer à esperteza; assim fez o pescador. Disse ele ao gênio:

– Já que não poderei mesmo evitar a morte, submeto-me à vontade de Deus. Mas antes de escolher como desejo morrer, suplico-lhe, pelo nome de Deus gravado no sinete do profeta Salomão, filho de Davi, responda à pergunta que desejo lhe fazer.

Quando o gênio viu que aquele homem lhe fazia uma súplica que o obrigava a responder de forma favorável, estremeceu e disse:

– Pergunte-me o que quiser, mas se apresse! Eu responderei dizendo a verdade.

– Eu queria saber se você estava realmente preso nesse vaso... Você juraria pelo nome de Deus?



– Sim, – respondeu o gênio – juro pelo grande nome que está gravado no lacre deste vaso.

– Para ser franco, não posso acreditar no que você está dizendo. Nesse vaso não caberia nem mesmo um pé seu, como é possível que o corpo inteiro estivesse preso aí dentro?

– Mas eu juro que é verdade – respondeu o gênio. Você não acredita, mesmo depois de eu ter jurado?

– Não mesmo! Conte outra... É impossível acreditar, a menos que você me mostre como fez para ficar fechado aí dentro... Ver para crer...

Imediatamente o corpo do gênio dissolveu-se em fumaça, que se estendeu sobre o mar e a praia e, depois, juntando-se, começou a entrar de novo naquele vaso de cobre, lentamente, lentamente, até que nada ficou de fora. Logo saiu dali uma voz que disse:

– E então, pescador incrédulo, eis-me dentro do vaso. Acredita em mim agora?

O pescador, em vez de responder ao gênio, pegou correndo a tampa de chumbo e, fechando o vaso, disse:

– Gênio, peça-me perdão e escolha a maneira pela qual deseja morrer! Mas não... será melhor que eu o lance de novo ao mar, no mesmo lugar de onde o tirei. Depois, construirei uma casa nesta praia para nela morar. Aqui, avisarei os pescadores para que, se por acaso lançarem as redes nestas águas, não pesquem um gênio mau como você, que jurou matar seu libertador!

O gênio implorou e implorou que o pescador o libertasse. Dizia:

– Meu amigo pescador, não seja cruel! Não é justo vingar-se; pelo contrário, devemos pagar o mal com o bem. Liberte-me, e eu contarei a você uma história muito interessante.

– Qual?

– Se deseja ouvi-la, abra este vaso, por favor!

Como é que eu posso contar histórias fechado aqui, nesta prisão minúscula! Eu contarei quantas você quiser, depois que sair daqui...

– Não, não – respondeu o pescador. Não vou libertar você, não. Não adianta insistir. Vou jogar o vaso no fundo do mar.

– Mas antes, escute-me – gritou, apavorado, o gênio. Se você me soltar, juro que não lhe farei mal. Melhor: ensinarei como você pode se tornar muito rico.

A esperança de sair da pobreza convenceu o pescador, que disse:

– Jure em nome de Deus que você fará o que acaba de prometer, e eu o soltarei.

O gênio jurou, e então o pescador abriu o vaso. Primeiramente, saiu dele uma fumaça, que logo tomou a forma do gênio. Este, assim que pisou no chão, deu um pontapé no vaso, que foi se afundar nas águas do mar... O pescador ficou aterrorizado, mas o gênio deu uma gargalhada e o tranqüilizou:

– Não tenha medo. Vou cumprir a minha palavra.

O gênio levou o pescador, ainda desconfiado, até

um lago entre montanhas. Ali, insistiu para que ele lançasse a sua rede às águas transparentes. Qual não foi o espanto quando o pescador viu que com sua rede pescara quatro peixes, um de cada cor: branco, vermelho, azul e amarelo. O gênio lhe disse:

– Leve esses peixes para o sultão: ele lhe dará por eles mais dinheiro do que você jamais teve na vida. Mas cuidado: venha pescar neste lago só uma vez por dia!

Depois de dizer essas palavras, o gênio bateu forte no chão com o pé. A terra se abriu, engoliu-o e, por fim, se fechou. O pescador fez exatamente o que o gênio lhe recomendara. O sultão, por aqueles peixes, recompensou-o de tal forma que ele nunca mais passou necessidade. Mas essa já é uma outra história...









li Babá e os 40 ladrões

---





Numa cidade da Pérsia<sup>12</sup> viviam os irmãos Cássim<sup>13</sup> e Ali Babá.<sup>14</sup> Cássim era um dos mercadores mais ricos da cidade, mas Ali Babá vivia na miséria e tinha de cortar lenha numa floresta para sustentar a família.

Um dia Ali Babá estava cortando lenha quando viu se aproximar uma nuvem de poeira. “— Que será isso?” — pensou. Percebeu que se tratava de homens a cavalo que vinham em sua direção e, temendo que fossem bandidos, subiu numa árvore, junto a uma grande rocha, e se escondeu em meio à folhagem. Do alto podia ver tudo sem ser visto. Então chegaram àquele lugar quarenta homens muito fortes e bem armados, com caras de poucos amigos. Ali concluiu que eram quarenta ladrões. Os homens desapareceram dos cavalos e puseram no chão sacos pesados que continham ouro e prata. O mais forte dos ladrões, que era o chefe, aproximou-se da rocha e disse:

12. Hoje, Irã. A Pérsia foi conquistada pelos árabes no século VII.

13. *Cássim* é um nome próprio muito freqüente entre os árabes e significa “divisor”.

14. Em árabe, *Ali* significa “elevado”, “excelente”.

– Abre-te, Sésamo!<sup>15</sup>

Assim que essas palavras foram pronunciadas, abriu-se uma porta na caverna. Todos passaram por ela, e a porta se fechou novamente.

Depois de muito tempo, a passagem voltou a se abrir, e por ela saíram os quarenta ladrões. Quando todos estavam fora, o chefe disse:

– Fecha-te, Sésamo!

Os bandidos colocaram os sacos em suas montarias e voltaram pelo mesmo caminho pelo qual tinham vindo. Ali os seguiu com os olhos até desaparecerem. Quando se viu em segurança, desceu da árvore, dirigiu-se à rocha e disse:

– Abre-te, Sésamo!

A porta se abriu e Ali Babá ficou sem palavras diante do que seus olhos viram: uma grande caverna cheia dos tecidos mais finos, tapetes belíssimos e uma enorme quantidade de moedas de ouro e prata dentro de sacos. Ali entrou com os três burros que costumava levar quando ia cortar lenha, e a porta imediatamente se fechou atrás dele. O rapaz carregou os animais com sacos de moedas de ouro e, depois disso, pronunciou as palavras mágicas que abriam e fechavam a porta da caverna e foi em direção à cidade.

Quando viu o ouro, sua mulher pensou que o marido tinha-se tornado um ladrão, mas ele contou tudo o que acontecera, recomendando-lhe que mantivesse segredo absoluto a respeito daquela história. Quando Ali falou em esconder as moedas num buraco, a mulher, então, disse:

15. *Sésamo*, proveniente do árabe, é um outro nome dado ao gergelim, palavra que também é de origem árabe.

– Boa idéia, mas antes quero contar quantas medidas de ouro temos. Vou pedir um medidor ao vizinho, enquanto você cava o buraco.

O vizinho era, justamente, Cássim, irmão de Ali Babá, que não estava em casa.<sup>16</sup> Ela, então, pediu à mulher dele o medidor emprestado: uma espécie de concha grande, com a qual se calculavam as medidas de açúcar e outros mantimentos. Cheia de desconfiança, a cunhada pensou:

– Que coisa mais estranha! Para que querem um medidor? O que é que a mulher de Ali Babá está querendo contar naquela casa tão miserável?

Para descobrir o que era, decidiu untar com sebo o medidor; talvez um pouco daquilo ficasse grudado sem que ninguém percebesse...

Enquanto Ali cavava, sua mulher calculou as medidas de ouro; depois, foi devolver o medidor à vizinha sem perceber que uma das moedas ficara presa ao sebo. A vizinha viu a moeda, ficou espantada, ardeu de inveja e, quando o marido chegou a casa, disse-lhe:

– Você pensa que é rico, Cássim, mas Ali Babá é muito mais: até calcula quantas medidas de ouro tem!

Cássim também foi tomado pela inveja e nem pôde dormir aquela noite. No dia seguinte, foi até a casa do irmão disposto a esclarecer aquilo tudo. Lá, até ameaçou denunciar Ali à justiça, se ele não lhe

16. Na tradição islâmica, tratar bem os vizinhos é uma obrigação do homem de bem. Na história de Ali Babá, o vizinho é, ainda por cima, seu irmão; o amor e o respeito pelos laços de parentesco são outras virtudes prezadas e recomendadas. Na história, os vizinhos, apesar do parentesco, são invejosos e maldosos.

contasse tudo. Ali Babá, então, acabou por contar o que lhe acontecera; depois, pediu segredo ao irmão, prometendo-lhe, em recompensa, uma parte do tesouro. Cássim concordou e se despediu do irmão. Mas na manhã seguinte, bem cedo, dirigiu-se à caverna sozinho, com dez burros, disposto a voltar carregado de ouro. Ao chegar à porta da rocha, disse:

– Abre-te, Sésamo!

A porta se abriu, Cássim entrou e ela se fechou de novo atrás dele. Que surpresa e contentamento sentiu quando a sua frente pôde ver tesouros que ele nem em sonho poderia imaginar! Apoderou-se de tudo o que podia levar, carregando os burros, e, quando foi sair, disse:

– Abre-te, Cevada!

Mas a porta continuou fechada. Foi então que ele se deu conta de que esquecera qual era a fórmula mágica para abrir a passagem. Apavorado, tentou outras frases, mas nada, não conseguia acertar!

Por volta de meio-dia, os ladrões retornaram à rocha. Pronunciaram as palavras mágicas e entraram. Ao verem Cássim, ficaram furiosos e imediatamente o mataram. Depois, interrogaram-se surpresos: como aquele homem conseguira entrar? Como descobriria o segredo? Para que ninguém ousasse sequer se aproximar da rocha novamente, cortaram o corpo de Cássim em quatro partes e o deixaram pendurado lá dentro. Depois, foram embora.



A esposa de Cássim ficou muito preocupada quando viu cair a noite sem que seu marido regressasse. Foi à casa do cunhado e expressou seus temores. Ali, suspeitando de que algo grave acontecera, foi para a caverna. Quase desmaiou quando viu o corpo do irmão cortado em pedaços. Recolheu-os em dois pacotes e voltou para a cidade com a intenção de sepultá-los.

Os quarenta ladrões ficaram espantados ao retornar à caverna e não avistarem o corpo de Cássim. O chefe disse ao bando:

– Estamos perdidos! Precisamos dar um jeito nisso, ou perderemos todas as nossas riquezas. O corpo desaparecido mostra que duas pessoas conseguiram descobrir nosso segredo: liquidamos uma delas, agora precisamos acabar com a outra.

Um dos ladrões se dispôs a ir à cidade, encarregando-se da missão de descobrir quem era a pessoa que sabia do segredo. Se falhasse, seria morto por seus colegas, que, despedindo-se dele, elogiaram muito sua bravura.

Havia um sapateiro na cidade, muito trabalhador e querido, chamado Baba Mustafá.<sup>17</sup> Ali Babá o encarregara de costurar o corpo do irmão Cássim para o enterrar com decência. Por uma infeliz coincidência, foi justamente esse homem que o ladrão primeiramente viu ao chegar à cidade de manhâzinha, pois a loja do sapateiro era a única aberta àquela hora. O ladrão o cumprimentou e disse:

– O senhor começa seu trabalho muito cedo!

17. *Mustafá*, em árabe, significa “Purificado” e foi um dos epítetos (qualificativos habituais) do profeta Maomé.

Na sua idade, não sei como consegue enxergar para costurar esses sapatos!

– Apesar de velho, meus olhos são muito bons. Há pouco tempo costurei um morto num lugar que tinha menos luz que nesta minha loja – respondeu Baba Mustafá.

Contente com aquela informação, o ladrão colocou duas moedas de ouro na mão do sapateiro, rogando-lhe que dissesse onde ficava a casa em que ele costurara o morto. Depois de olhar para aquelas moedas brilhantes, Baba Mustafá acabou por concordar e levou o ladrão até a frente da casa de Cássim, que agora pertencia a Ali Babá. O ladrão pegou um pedaço de giz e fez uma cruz na porta. Depois, foi-se em direção à floresta.

A esposa de Cássim tinha uma criada de rara beleza e esperteza, Morjana.<sup>18</sup> A moça, ao sair da casa, notou o sinal e desconfiou de alguma tramóia:

– Que será isso? Que coisa mais estranha! Certamente querem prejudicar meu patrão!

Pegou, então, um pedaço de giz e marcou com o mesmo sinal três portas à direita e mais três à esquerda.

Os ladrões foram até à cidade e pararam diante de uma das portas que tinham a marca de giz feita por Morjana. O ladrão que tinha estado ali no dia anterior disse:

18. No mundo islâmico, os criados e escravos eram geralmente bem tratados, como se mostra aqui. A tradição recomenda não considerá-los pessoas de segunda classe; se moram com a família, são tratados como pessoas da família. A história de Ali Babá exalta a lealdade da criada Morjana para com seu patrão.



– É esta!

O chefe, porém, notou que havia outras seis casas cujas portas traziam o mesmo sinal e perguntou-lhe qual era, de fato, a porta que ele tinha marcado. Confuso, o homem não soube o que responder. Voltaram todos para a floresta, e o ladrão que falhara em sua missão foi executado pelos colegas.

Aquilo já era uma afronta! Um dos ladrões se dispôs espontaneamente a retornar à cidade e descobrir onde morava o homem que descobrira o segredo da caverna. Chegou, como o primeiro, ao raiar do dia, e topou com Baba Mustafá. A história se repetiu: o sapateiro acabou por conduzir o ladrão até a casa de Ali Babá. Para não se confundir como o primeiro, o ladrão marcou a casa com um sinal ver-

melho e voltou para junto dos seus. Como da outra vez, Morjana notou o sinal e marcou várias outras portas das proximidades com marca semelhante. Quando o bando rumou para a cidade, viu-se diante da mesma confusão da outra vez, e o segundo bandido encarregado daquela missão foi executado.

Os ladrões agora eram trinta e oito. Depois daquele segundo fracasso, o chefe resolveu ele mesmo se encarregar da missão. Foi pessoalmente à cidade, encontrou Baba Mustafá e, diante da casa de Ali Babá, em vez de deixar algum sinal, limitou-se a observá-la cuidadosamente, examinando cada detalhe que a distingua das outras. Depois, voltou para a floresta e pôs em execução o seu plano. Mandou comprar trinta e oito grandes barris para guardar azeite. Encheu de azeite apenas um deles e, nos outros, fez com que entrassem os bandidos, fortemente armados. Em cada barril, havia pequenos buracos para que os homens pudessem respirar.

Com os trinta e sete barris que serviam de esconderijo aos ladrões e mais um barril cheio de azeite, carregaram-se dezenove mulas, e lá se foi o chefe à cidade. Localizou facilmente a casa de Ali Babá, que estava na frente tomando ar. Disse-lhe:

– Venho de muito longe e vim à cidade para vender meu azeite. Mas cheguei cedo demais. A noite está caindo e eu preciso dar algum descanso para as minhas mulas. O senhor não poderia me abrigar em sua casa só por esta noite?

Ali Babá não reconheceu o bandido, que estava disfarçado, e aceitou amigavelmente recebê-lo em sua

casa.<sup>19</sup> Mandou que Morjana preparasse para o hóspede um jantar e uma cama. Os barris foram descarregados das mulas e colocados no pátio da casa.

Após a refeição, Ali Babá foi dormir, e o chefe dos ladrões conseguiu às escondidas encaminhar-se para onde estavam os barris. Disse a cada um dos seus homens que neles se escondiam:

– À meia-noite, quando ouvirem minha voz, usem suas facas para abrir a tampa dos barris e saiam.

Após instruir seus homens, foi ao quarto que Morjana lhe havia preparado e fingiu que dormia. A escrava foi cuidar do serviço de casa. Estava entretida com seus afazeres, quando, de repente, as lamparinas se apagaram. Mas não havia azeite na casa. Que fazer? O escravo Abdullah,<sup>20</sup> vendo-a toda atrapalhada, disse:

– Por que essa tempestade em copo de água? Há tantos barris cheios de azeite no pátio! Por que você não vai lá pegar a quantidade necessária?

Assim fez Morjana. Mas, ao se aproximar do primeiro barril, ouviu o bandido que estava escondido dentro dele dizer, baixinho:

– Já está na hora?

Assustada, Morjana ficou um tempo sem saber o que responder. Percebeu que em vez de azeite aqueles barris escondiam bandidos perigosos. Rapidamente, pensou num meio de enfrentar aquela

19. A hospitalidade é uma virtude muito apreciada pelos muçulmanos.

20. Em árabe, *Abdullah* significa “servo de Deus”.

situação delicada. Criou coragem e, imitando a voz do chefe dos bandidos, disse:

– Ainda não é hora. Tenha paciência.

Morjana foi de barril em barril, dando sempre a mesma resposta aos ladrões que lhe perguntavam se tinha chegado a hora. O último barril continha azeite de verdade. Morjana encheu um jarro, acendeu uma lamparina e pôs em prática seu plano. Numa grande panela ferveu azeite. Depois, indo de barril em barril, derramou o líquido fervente sobre cada bandido, matando-os todos.

À meia-noite, o chefe se levantou da cama, foi até o pátio e chamou seus homens. Não houve resposta. Sentindo cheiro de carne queimada, assustou-se. Abriu o primeiro barril, depois o segundo e os demais – e só encontrou cadáveres. Temendo pela sua própria vida, fugiu correndo.

De manhã, Ali Babá levantou-se e foi tomar seu banho, sem desconfiar do que se passara. Ao voltar para casa, estranhou que os barris ainda estivessem no pátio. Morjana, então, mostrou-lhe o que eles na verdade traziam e contou o que acontecera. Ali Babá ficou muito agradecido e prometeu recompensar a escrava por ela lhe ter salvado a vida. Depois, junto com um criado, tratou de enterrar os mortos numa grande fossa no jardim de sua casa. Escondeu os barris e as armas e vendeu as mulas no mercado.

O chefe dos ladrões voltou para a floresta, furioso e indignado, disposto a se vingar de qualquer maneira. Depois, arquitetou um plano. Com riquezas tiradas da gruta, comprou tecidos finíssimos e abriu



uma loja na cidade, fazendo-se passar pelo mercador Codja Hussan. A loja ficava em frente do estabelecimento que pertencera a Cássim e que agora era dirigido pelo filho de Ali Babá. O falso mercador pouco a pouco acabou por fazer com que o rapaz o considerasse seu amigo. O bandido muitas vezes o convidava para jantar.

Um dia, o filho de Ali Babá decidiu retribuir a gentileza, convidando Codja Hussan para jantar. Ali Babá se encarregou de preparar um grande banquete para o amigo do filho. No dia combinado, o bandido, chamado para a mesa, desculpou-se dizendo que não comia comida com sal, pois assim lhe recomendara um médico. Ali Babá, então, mandou que Morjana não pusesse sal na carne que seria servida no banquete. A escrava ficou aborrecida e disse:

– Mas quem é esse homem que não come sal?

Intrigada, quando foi ajudar a levar os pratos à mesa, lançou um olhar muito atento para o convidado. De repente, estremeceu: era o chefe dos ladrões que desejava atacar seu amo! Por isso, não queria comer sal junto com ele...<sup>21</sup> E imediatamente pensou num plano para salvar seu patrão.

Chegada a hora das frutas, Morjana as levou junto com o vinho.<sup>22</sup> O falso mercador pensava em

21. Provavelmente está implicada aqui a crença de que o ato de dividir o sal com alguém represente um pacto de hospitalidade. Os vínculos de hospitalidade são profundamente respeitados pelos árabes.

22. Entre os árabes não-muçulmanos o uso de bebidas alcoólicas, especialmente o vinho, era comum nas festividades. O *Alcorão*, porém, atribui o vinho (assim como os jogos de azar) à obra do demônio. Assim, o Islamismo proíbe todo tipo de bebida alcoólica, mas tal proibição nunca foi inteiramente respeitada.

seu plano: embriagar pai e filho e cravar um punhal no coração de Ali Babá.

Morjana vestiu-se de dançarina, colocou um punhal no cinto e cobriu o rosto com um véu. Chamou um criado para tocar tamborim<sup>23</sup> e os dois entraram na sala do banquete, pedindo permissão para se apresentarem. Ali Babá respondeu:

– Capriche, Morjana, e faça o melhor que puder para entreter nosso hóspede Codja Hussan!

O hóspede fingiu estar encantado com aquela proposta que, na verdade, vinha atrapalhar seus planos. O criado pôs-se a tocar o tamborim e Morjana a dançar com passos e movimentos delicados. Depois, a dançarina passou para um novo tipo de dança, a que mais agradou: tomou do punhal e com ele fingiu atacar um inimigo invisível. Por fim, parou e pegou o tamborim para pedir aos presentes um pagamento, como faziam os dançarinos profissionais. Ali Babá deu-lhe uma moeda de ouro, e o mesmo fez seu filho. Quando chegou a vez de Codja Hussan, no momento em que ele pôs a mão em sua bolsa para pegar uma moeda, Morjana mais do que depressa cravou o punhal em seu coração, matando-o. Ali Babá exclamou:

– O que você fez? Matou um hóspede, um amigo de meu filho. Isso será a minha ruína!

Morjana, então, contou ao amo o que descobrira. Fez com que ele olhasse atentamente o rosto do falso

23. As criadas entretinham os convidados da casa com suas danças; muitas vezes eram acompanhadas pelo som de um tamborim, o instrumento mais empregado para marcar o ritmo. Por vezes, dançavam tendo nas mãos uma espécie de punhal, como faz Morjana para concretizar seu plano sem despertar suspeitas.

mercador e reconhecesse o chefe dos ladrões. Mais uma vez, fora salvo pela criada. Agradecido, disse:

– Você me salvou por duas vezes; agora eu lhe concedo a liberdade. Mais: em recompensa por sua lealdade, você será minha nora.

Enteraram, então, o corpo do chefe dos bandidos e, dias depois, festejou-se o casamento do filho de Ali Babá com Morjana, em meio a cantos, danças e muitas outras diversões.

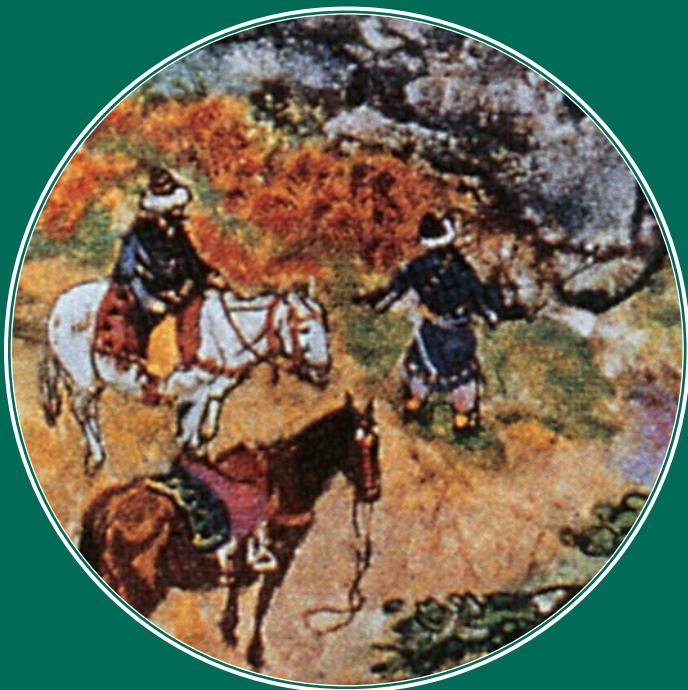
Ali Babá demorou um ano para retornar à gruta, pois ainda não sabia que todos os quarenta ladrões estavam mortos. Depois de um ano, mais tranqüilo, voltou para lá. Diante da caverna, disse:

– Abre-te, Sésamo!

E a porta se abriu. Ali Babá notou que ninguém mais entrara na caverna; os ladrões, portanto, estavam todos mortos. Agora só ele sabia do segredo. Encheu alguns sacos com moedas de ouro e prata e voltou para sua cidade.

Com o passar do tempo, Ali Babá contou o segredo a seu filho e depois a seus netos. Ali Babá e sua família viveram o resto de sua vida na riqueza, naquela cidade onde um dia ele fora muito pobre. Graças àquele tesouro, Ali se tornou um homem respeitado e honrado.







# A venturas de Simbad, o marujo

---





o reinado do califa Harun ar-Rachid,<sup>24</sup> vivia em Badgá um carregador muito pobre chamado Hindbad. Um dia, sob forte calor, Hindbad transportava uma carga muito pesada de um extremo a outro da cidade. Cansado, parou perto de um grande palácio, de cujas janelas provinham um delicioso perfume e o som harmonioso de instrumentos e de pássaros. A música e o cheiro apetitoso dos mais requintados pratos levaram Hindbad a concluir que ali acontecia um grande banquete. Querendo saber quem morava naquele lugar luxuoso, perguntou a um dos criados que estavam na entrada do palácio como se chamava seu dono. Esta foi a resposta:

– O quê? Você mora em Bagdá e não sabe que esta é a morada de Simbad, o famoso navegador que percorreu todos os mares iluminados pelo sol?

O carregador que, de fato, tinha ouvido falar em Simbad, sentindo inveja desse homem, disse:

– Ó poderoso criador de todas as coisas,

24. *Califa*: líder espiritual e político de uma comunidade islâmica, considerado sucessor de Maomé. A palavra significa “vigário”, isto é, aquele que substitui alguém. Sob o governo do califa Harun ar-Rachid, o império islâmico estava em seu apogeu. O califado turco foi abolido em 1924.

que diferença existe entre a minha situação e a de Simbad! Eu tenho de trabalhar como um condenado e suportar mil males todo dia! Enquanto isso, Simbad gasta suas imensas riquezas numa vida cheia de prazeres. Que foi que ele fez para merecer tanta felicidade? Que eu fiz para merecer um destino tão desgraçado?

O carregador estava entregue a esses pensamentos, quando um criado saiu do palácio e tomou-o pelo braço, dizendo:

– Venha comigo! Meu senhor quer falar com você.

Hindbad quis escapar, temeroso de que o senhor do palácio quisesse castigá-lo pelas palavras que ele tinha dito. Mas o criado não o deixou ir embora e o conduziu a uma grande sala. Ali, em volta de uma mesa repleta de iguarias estavam sentadas muitas pessoas; no lugar de honra, via-se um homem de barbas brancas, cercado de criados. Era Simbad.

O carregador tremia vendo aquelas pessoas e um banquete tão requintado. Simbad o chamou, fez que se sentasse à sua direita e ele próprio o serviu daquela comida deliciosa. Terminada a refeição, Simbad disse ao carregador:

– Ouvi o que você dizia lá fora. Não sou injusto, por isso não guardo rancor contra você. Aliás, lamento a sua sorte. Mas você se engana em achar que eu conquistei o que tenho sem dificuldade e sem muito esforço. Não se iluda: cheguei a esta minha situação depois de sofrer por muitos anos tudo o que de penoso podem sofrer o corpo e a alma! Corri tantos

perigos em minhas viagens pelos mares!

E passou a narrar suas aventuras. Das sete viagens de Simbad, uma das mais espantosas foi a seguinte, contada pelo próprio marujo:

“Depois de minha primeira viagem, eu tinha decidido passar o resto de meus anos tranqüilamente em Bagdá, mas um dia comecei a me aborrecer com aquela vida monótona e de novo tive vontade de navegar. Comprei mercadorias para vender ou trocar e parti com outros mercadores. Embarcamos num bom navio, pedimos a proteção de Deus e soltamos as velas.

Fomos de ilha em ilha, fazendo negócios muito vantajosos. Um dia paramos numa pequena ilha. Enquanto meus companheiros colhiam flores e frutas, sentei-me perto de um riacho, tomei a minha refeição e depois adormeci. Quando acordei, vi que nosso navio tinha partido, deixando-me sozinho naquele lugar desconhecido! Achei que ia morrer de dor e desespero, arrependendo-me amargamente de não ter me contentado com minha primeira viagem. Finalmente, aceitei, conformado, a vontade de Deus e subi numa grande árvore para ver se avistava alguma coisa que pudesse me trazer esperança de salvação.

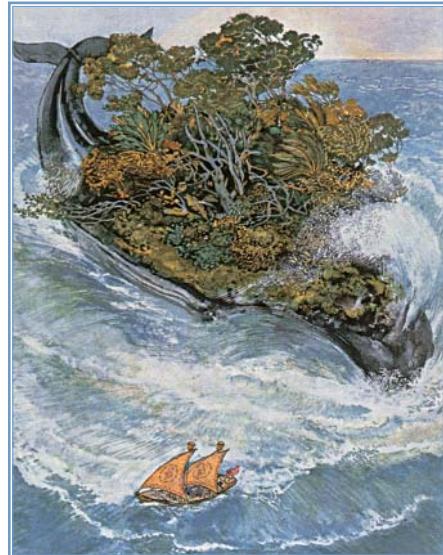
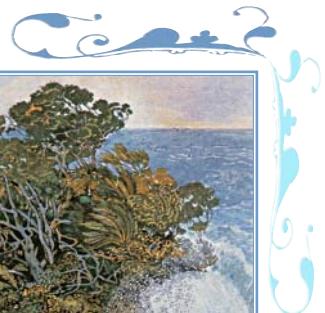
Lançando a vista ao mar, meus olhos só viram água e céu. Mas de repente enxerguei uma coisa branca em terra e decidi ir até ela. Desci da árvore e caminhei em direção àquilo. Ao chegar a certa distância, pude observar que se tratava de um globo cuja altura e diâmetro eram espantosos. Procurei

uma abertura para poder entrar ali, mas não havia nenhuma. Pensei em subir naquele globo, mas era liso demais.

O sol já ia se pondo no horizonte, quando de repente escureceu de uma vez, como se uma nuvem gigantesca cobrisse sua luz. Fiquei mais espantado ainda quando descobri a causa daquela escuridão repentina: um pássaro enorme, que voava na minha direção! Lembrei que os marinheiros costumavam falar de uma ave assim, chamada *ruk̄h*. Então comprehendi que o globo branco era o ovo daquele pássaro.

O *ruk̄h* pousou sobre o ovo, para chocá-lo. Eu, que estava bem perto, vi que sua pata era do tamanho de uma árvore. Tive então uma idéia para escapar daquela ilha: amarrei meu turbante numa das patas do pássaro na esperança de sair dali quando ele levantasse vôo. Passei toda a noite assim. Quando raiou o dia, o *ruk̄h* voou levando-me com ele.

Subimos tão alto que eu não podia enxergar mais a terra. De repente, o pássaro desceu com a maior rapidez e pousou. Em terra, desprendi meu turbante de sua pata. Mal tinha acabado de soltar-me, quando o pássaro bicou uma serpente incrivelmente comprida e voou levando-a no bico.



Eu estava num vale cercado de montanhas muito altas. Caminhando por ali, notei que havia diamantes por toda parte, alguns espantosamente grandes. Não houve muito tempo para ficar alegre com aquelas pedras, pois de repente avistei seres monstruosos: serpentes enormes, capazes de devorar um elefante. Para tentar escapar dos *rukhs*, elas se escondiam em cavernas durante o dia e só saíam de noite.

Caminhei pelo vale até o anoitecer. Então, escondi-me numa caverna que me pareceu segura. Fechei a entrada com uma pedra para me proteger das serpentes, dali ouvindo o assobio horripilante que vinha de fora... Assustado, não passei uma noite muito agradável...

Ao nascer do dia, as serpentes foram embora. Saí da caverna ainda tremendo de medo e caminhei por entre os diamantes sem sentir a menor vontade de pegá-los. Não havia conseguido fechar os olhos dentro da caverna, e, por isso, com muito sono, depois de comer um pouco acabei adormecendo. Mas de repente algo caiu perto de mim e me acordou. Era um grande pedaço de carne. Imediatamente notei que outros pedaços caíam das rochas em lugares diferentes do vale.

“– Então era verdade o que me contavam os marinheiros!” – pensei. Aquele vale era um verdadeiro precipício; era impossível descer até ele. Para conseguir pegar alguns diamantes, os marinheiros esperavam a época em que as águias davam crias. Naquele lugar, as águias eram muito maiores e mais fortes. Os marinheiros jogavam grandes pedaços de

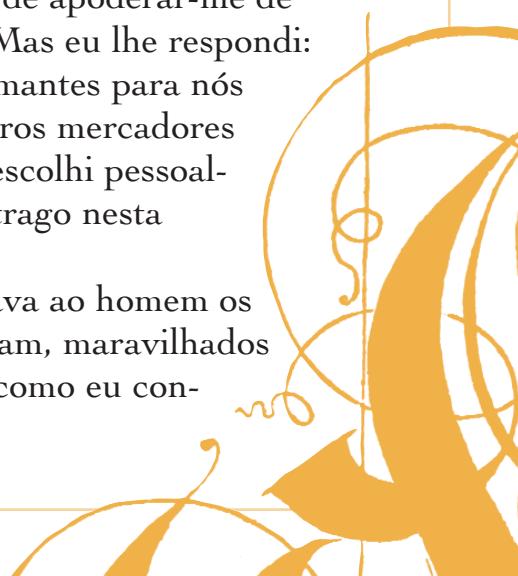
carne que, caindo nas pontas dos diamantes, ficavam presos neles. As águias se apoderavam dos pedaços de carne e os levavam aos ninhos no alto das rochas para alimentar seus filhotes. Os mercadores corriam aos ninhos, afugentavam as aves com seus gritos e pegavam os diamantes presos na carne.

Foi então que eu tive uma idéia para escapar daquele precipício e salvar minha vida. Enchi minha bolsa de couro com os maiores diamantes que encontrei, depois peguei um pedaço bem grande de carne e com meu turbante me preendi a ele, amarrando-me bem forte. Deitei-me de bruços e prendi a bolsa na cintura.

Mal tinha terminado quando apareceram as águias. Cada uma pegou um pedaço de carne. Uma das mais fortes apanhou o pedaço em que eu estava e lá fui eu, erguido no ar até chegar ao alto da montanha, dentro de seu ninho. Os mercadores, então, começaram a afugentar as aves com seus gritos. Depois que elas fugiram, um deles se aproximou do ninho em que eu estava e, quando me viu, teve medo. Depois, mais calmo, acusou-me de apoderar-me de diamantes que lhe pertenciam. Mas eu lhe respondi:

– Não seja rude. Tenho diamantes para nós dois, e mais do que todos os outros mercadores juntos poderiam conseguir. Eu escolhi pessoalmente as melhores pedras, que trago nesta minha bolsa.

Enquanto dizia isso, mostrava ao homem os diamantes. Os outros me cercaram, maravilhados com a minha história e o modo como eu con-





seguira salvar minha vida. Levararam-me para o acampamento onde estavam e, vendo os meus diamantes, disseram que nunca tinham visto iguais, nem mesmo nas cortes dos reis mais ricos e poderosos. Insisti com o mercador que me encontrara:

– Por favor, pegue os diamantes que você quiser!

– Não, – respondeu ele, escolhendo apenas uma das pedras – eu me contento com este aqui: é tão precioso que basta para me sustentar para o resto de minha vida.

Passei a noite com aqueles mercadores, alegre por ter escapado de tantos perigos; mal podia acreditar que já não havia mais nada a temer.

Permanecemos muitos dias naquela ilha e, quando todos pareciam contentes com os diamantes que tinham conseguido, partimos. Caminhamos por montanhas muito altas e finalmente chegamos à ilha de Roha, onde nasce a árvore da qual se extrai a cânfora. Nessa ilha há rinocerontes, animais que lutam com os elefantes. O rinoceronte rasga a barriga do elefante com seu chifre, ergue-o e assim o carrega sobre a cabeça. A gordura e o sangue do elefante caem nos olhos do rinoceronte e o cegam. O animal cai por terra e então aparece o *ruk̥h* e leva os dois presos nas garras até seu ninho para alimentar os filhotes.

Nessa ilha troquei alguns dos meus diamantes por excelentes mercadorias. Depois, fomos a outras ilhas até chegarmos ao porto de Basra, de onde me dirigi a Bagdá. Assim que cheguei, dei muita esmola aos pobres e vivi decentemente, sustentado pelas

imensas riquezas que consegui com tanto esforço.”

Simbad terminou o seu relato e nos dias seguintes contou outras aventuras para seus convidados; entre eles, sempre estava presente o carregador Hindbad, que, encantado com aquelas histórias, até já se esquecera de sua miséria.

Quando terminou de contar tudo o que passara em sua vida agitada, Simbad disse a Hindbad:

– Então, meu caro amigo, já ouviu falar em alguém que tenha sofrido mais do que eu? Não mereço uma vida agradável e tranqüila depois de tudo o que eu passei?

Hindbad, em resposta, beijou a mão de Simbad e disse:

– O senhor merece não apenas uma vida tranqüila, depois de ter passado por situações tão teríveis, mas todos os bens que é possível imaginar, porque emprega bem as suas riquezas e é muito generoso. Seja feliz até o fim de seus dias!

Simbad deu ao carregador cem moedas, tratando-o como amigo.<sup>25</sup> Depois, pediu-lhe que abandonasse a sua profissão e viesse ao palácio banquetear-se com ele todos os dias.

25. Há uma forte tradição no Islamismo a respeito da caridade; socorrer outro muçulmano que se encontra na pobreza é uma obrigação para todo muçulmano, sobretudo para um rico que, conforme essa concepção religiosa, recebeu sua riqueza de Deus. A história de Simbad mostra-o muito bem: o marujo, enriquecido, trata generosamente o carregador pobre. Segundo o *Alcorão*, ao colocar um homem em posição social acima dos outros, Deus também o está colocando à prova. E o comportamento de Simbad mostra que ele conhecia bem essa concepção.



恭賀新年

我好朋友



# A ladim e a lâmpada maravilhosa

---





um reino da China<sup>26</sup>, vivia um alfaiate muito pobre chamado Mustafá. Seu filho Aladim<sup>27</sup>, um menino teimoso e desobediente, passava o dia todo nas ruas e praças da cidade. Com a morte do pai, Aladim se sentiu livre, não quis aprender uma profissão e assim viveu até os quinze anos.

Um dia, Aladim brincava numa praça com outros meninos quando chegou um estrangeiro e começou a observá-lo atentamente. Era um mago africano.<sup>28</sup> Chamou o menino e lhe perguntou:

– Meu filho, seu pai não se chama Mustafá e é alfaiate?

– Sim, senhor, mas morreu há muito tempo – respondeu Aladim.

O mago, então, abraçou o menino derramando muitas lágrimas e dizendo:

26. O Islã se expandiu até o oeste da China. Hoje os muçulmanos constituem, nesse país, uma minoria expressiva.

27. Em árabe, *Aladim* significa “elevação da fé”.

28. A religião muçulmana condena a magia; segundo o *Alcorão*, a magia foi ensinada aos homens por demônios.

— Ai, meu filho! Eu sou seu tio. Faz muito tempo que estou viajando na esperança de reencontrar meu irmão, mas você me diz que ele morreu! Só tenho um consolo: reconheço os traços de meu querido irmão em você e foi por isso que parei para olhá-lo.

Depois disso, o mago perguntou onde a mãe de Aladim morava e lhe deu um punhado de moedas para que o menino as entregasse a ela. Quando Aladim chegou a casa, contou o que acontecera e a mãe ficou espantada, pois não se lembrava de que o marido tivesse irmão ainda vivo.

No dia seguinte, Aladim brincava com outros meninos, quando de novo o mago se aproximou e lhe deu duas moedas de ouro, dizendo:

— Conte a sua mãe que esta noite eu irei visitá-la e que ela deve preparar um bom jantar, pois comermos juntos.

A mãe de Aladim fez o que pôde para preparar um ótimo jantar. À noite, bateram à porta. Era o mago, que trazia vinho e muitas frutas. Pediu que a mulher lhe mostrasse onde Mustafá costumava se sentar e, chorando, beijou o lugar. Então, disse:

— Não se espante por não me ter visto desde que se casou com meu irmão Mustafá. Faz quarenta anos que eu deixei esta cidade e viajei por vários países até me estabelecer na África. Mas recentemente me deu uma grande vontade de rever meu querido irmão! Nada me deixou mais aflito do que a notícia de sua morte, mas me consolo vendo os traços dele nesse menino que é seu filho.

A mãe de Aladim contou, então, chorando, que o

rapaz não queria saber de aprender uma profissão e vivia pelas ruas da cidade como um vagabundo. Um dia, teria de mandar que ele fosse buscar seu sustento em outra parte! Ao ouvir as queixas da mãe, o mago prometeu montar para o rapaz uma bela loja, cheia de tecidos finos, para que Aladim pudesse viver honestamente como comerciante.

Aladim ficou muito contente com aquela idéia, afinal tinha percebido que os comerciantes estavam sempre bem vestidos e eram muito estimados por todos. Depois dessa proposta, a mãe de Aladim não teve mais dúvidas de que aquele homem que se interessava pelo futuro do filho era mesmo seu tio.

Na manhã seguinte, o mago voltou à casa de Aladim. Levou o menino a uma loja fina e deixou que ele escolhesse a roupa que mais lhe agradasse. Depois, andaram pelas lojas e lugares mais luxuosos da cidade. Ao se despedir de mãe e filho, o mago disse:

– Amanhã, sexta-feira, as lojas estarão fechadas<sup>29</sup> e não poderemos, por isso, alugar uma para Aladim, como eu pretendia fazer. Mas passearemos pelos jardins da cidade, onde as pessoas elegantes se encontram.

Na manhã seguinte, Aladim se levantou muito cedo e esperou, impaciente, o tio. Não cabia em si de alegria. Ao deixarem a casa, o mago africano lhe disse:

– Meu filho, hoje eu lhe mostrarei coisas belíssimas!

29. Para os muçulmanos, a sexta-feira é o dia sagrado, equivalente ao domingo para os cristãos; é o dia de fazer suas preces e descansar.

O mago conduziu Aladim para os arredores da cidade; no caminho, viram lindos palácios. E foram penetrando cada vez mais no campo até chegarem perto das montanhas. Aladim ficou muito cansado: ele jamais caminhara tanto!

– Coragem, sobrinho! Você verá um jardim que é mais belo do que todos quantos viu até agora. Já já chegaremos – disse o mago.

Aladim, então, foi levado ainda mais longe. Por fim, chegaram a um lugar situado entre dois montes. O mago pediu que o menino juntasse uma grande quantidade de gravetos e com eles fez uma fogueira. Na lenha que queimava jogou um perfume muito forte. Levantou-se, nesse momento, uma grande nuvem de fumaça e o mago pronunciou certas palavras mágicas que Aladim não conseguiu compreender. De repente, a terra tremeu e se abriu diante dos dois, deixando ver uma pedra com uma argola de bronze no meio. Aladim quis fugir, mas o mago o deteve e lhe deu um violento tapa no rosto. Depois, vendo o menino chorar e se lamentar, disse:

– Não tenha medo. Obedeça-me e tudo sairá bem. Você será recompensado. Embaixo desta pedra, há um tesouro que fará de você o homem mais rico do mundo. E só você poderia tocar esta pedra e erguê-la. Eu não posso fazer isso. Venha, segure a argola, pronunciando o nome de seu pai e de seu avô, e levante a pedra.

Aladim obedeceu. Ao erguer a pedra, viu-se aparecer uma caverna e uma escada que levava para debaixo da terra. O mago fez estas recomendações ao

menino:

– Meu filho, escute bem o que eu vou lhe dizer. Desça por esta escada. No final dela, você verá uma porta aberta. Entre. Você passará por três grandes salas. Em cada uma delas, verá quatro grandes vasos de bronze cheios de ouro e prata. Mas não toque neles! Passe pelas três salas sem parar. Cuidado para não tocar nas paredes: isso provocaria sua morte. No fim da terceira sala, há uma porta que dá acesso a um jardim. Atravesse esse jardim e você chegará a uma escada de cinqüenta degraus. Ao subir, estará num terraço onde verá uma lâmpada<sup>30</sup> acesa. Apague-a e traga-a para mim. Pegue as frutas que quiser das árvores do jardim.

O mago, então, tirou do dedo um anel e o deu a Aladim, dizendo que ele o protegeria se algo de ruim acontecesse. Aladim fez como o mago lhe recomendara: desceu à caverna, atravessou as salas, subiu a escada e pegou a lâmpada. Depois, parou no jardim. Os frutos das árvores que ali estavam brilhavam; havia-os de todas as cores; os brancos eram, na verdade, pérolas; os transparentes, diamantes; os vermelhos, rubis; os verdes, esmeraldas; os violetas, ametistas, e assim por diante. Aladim, que não sabia o valor daquelas pedras preciosas, ficou decepcionado, pois esperava encontrar figos, uvas e outras frutas comuns na China. Em todo caso, encheu os bolsos com aquelas pedras coloridas que para ele não tinham valor. Depois, voltou até a entrada da caverna, onde o mago o esperava com a maior impaciência. Ao vê-lo, Aladim disse:

30. A famosa “lâmpada” da história é uma lamparina, que servia para iluminar as casas. Esse objeto já apareceu na história de Ali Babá; seu combustível era o azeite de oliva.

– Tio, por favor, estenda a mão para me ajudar a subir!

– Antes me passe a lâmpada para que ela não atrapalhe você – respondeu o mago.

Aladim, porém, respondeu que só lhe daria a lâmpada quando tivesse saído da caverna. O mago, irritado, lançou mais perfume na fogueira e pronunciou palavras mágicas. Nisso, a pedra que servia de porta para a caverna voltou a seu lugar, deixando Aladim preso embaixo da terra!

O suposto tio de Aladim era, na verdade, conforme já dissemos, um mago africano<sup>31</sup> que, depois de investigar muito, descobrira a existência da lâmpada capaz de tornar seu dono o homem mais poderoso do mundo. Descobrira que o objeto estava embaixo da terra no centro da China. Mas ele mesmo não podia entrar ali nem pegar a lâmpada, e por isso decidira usar Aladim, que lhe pareceu útil aos seus objetivos. Quando viu que seus planos deram errado, decidiu retornar à África.

Ao se ver enterrado vivo, Aladim entrou em desespero: gritou sem parar pelo tio, prometendo entregar-lhe a lâmpada. Chorava em meio à escuridão, julgando que seu fim tinha chegado. Ficou dois dias assim, sem comer nem beber. No terceiro dia, ao erguer as mãos para dirigir suas preces a Deus, sem querer acabou esfregando o anel que o mago lhe dera. De repente, como que surgindo das profundezas da terra, apareceu diante dele um gênio enorme, com um aspecto terrível, e disse:

31. Como você já viu no capítulo “Como tudo começou: a história de Xerazad”, o Islã chegou até o norte da África.

– O que deseja? Estou pronto para obedecer!  
Sou escravo de quem possui o anel.

– Seja você quem for, faça-me sair deste lugar! –  
disse Aladim.

Bastou dizer essas palavras e a terra se abriu;  
Aladim num segundo já estava de novo no lugar  
exato para onde o mago o tinha levado. O menino  
suspirou aliviado, agradeceu ao céu e tomou o cami-  
nho de volta para a cidade. Chegou a sua casa muito  
cansado e fraco pelo jejum de três dias. A mãe  
preparou para o filho a comida que tinha em casa.  
Aladim comeu e bebeu, depois contou à mãe tudo o  
que tinha acontecido.

Naquela noite Aladim dormiu profundamente,  
pois passara acordado aqueles três dias embaixo da  
terra. Acordou bem cedo e disse à mãe que estava  
com fome.

– Ai, meu filho! – respondeu a mãe, não tenho  
nem um pedacinho de pão para lhe dar! Mas fiei  
um pouco de algodão e vou ver se consigo vendê-  
lo para poder comprar pão e algo para o nosso  
almoço.

– Minha mãe, – disse Aladim – me dê a lâmpada  
que eu trouxe ontem. Vou vendê-la e conseguir  
algum dinheiro para o dia de hoje.

A mãe foi buscar a lâmpada, que estava um  
pouco suja. Então, trouxe água e areia para limpá-la.  
Quando a esfregou, eis que um gênio, de tamanho  
gigantesco e de aspecto horrível, apareceu à sua  
frente e disse com voz de trovão:

– O que deseja? Estou pronto para lhe obedecer



como escravo que sou de quem possui a lâmpada!

A mãe de Aladim desmaiou. Aladim tomou a lâmpada na mão e ordenou:

– Estou com fome, traga-me algo para comer!

O gênio se retirou e voltou logo depois com uma bandeja de prata; em cima dela, havia doze pratos também de prata cheios dos quitutes mais saborosos, além de vinho e pão. Colocou tudo sobre a mesa e desapareceu.

Quando a mãe de Aladim se recuperou, ficou espantada com o que viu. O filho insistiu para que fossem comer, depois ele lhe contaria o que tinha acontecido. Puseram-se à mesa e comeram com muito apetite. Era seu café da manhã, mas a comida que o gênio trouxera também foi suficiente para o almoço, o jantar e mais duas refeições do dia seguinte. Quando a mãe quis saber como aquilo tudo viera parar em sua casa, Aladim contou o que ocorreu. Disse que aquele gênio da lâmpada era completamente diferente do gênio do anel, que ele vira na caverna.

– Ai, meu filho, é melhor dar um fim na lâmpada ou no anel em vez de correr de novo o risco de morrer de medo diante desses gênios! Gênios são demônios, como dizia o nosso profeta Maomé!

Mas Aladim convenceu sua mãe da necessidade de guardar o anel e a lâmpada. No dia seguinte, nada havia para comer. Aladim colocou um dos pratos de prata embaixo da roupa e saiu para vendê-lo. Dirigiu-se a um mercador muito esperto, que resolveu enganar o menino. Ele percebera que

Aladim não tinha a menor idéia de como era valioso aquele objeto. Deu-lhe uma moeda de ouro. Com ela, o menino comprou pão, dando o troco a sua mãe, para que ela comprasse comida. E assim foram vivendo; quando acabavam os mantimentos, Aladim vendia um prato para o mercador. Depois que os pratos acabaram, vendeu a bandeja, recebendo por ela dez moedas de ouro.

Quando não havia mais moedas, Aladim recorreu à lâmpada. Esfregou-a e viu surgir o gênio. De novo, Aladim pediu algo para comer, e o gênio providenciou as mesmas coisas que da primeira vez. A história se repetiu. Quando só restaram os objetos de prata, Aladim resolveu vender um dos pratos. Mas dessa vez topou com um ourives,<sup>32</sup> um senhor honesto que mostrou a Aladim quanto valia realmente o prato: setenta e duas moedas de ouro! Daquele momento em diante, Aladim só vendeu os objetos para aquele senhor. E assim mãe e filho iam vivendo: recorriam à lâmpada, mas viviam modestamente.

Passaram-se muitos anos. Aladim descobriu que as pedras que trouxera da caverna não eram vidro pintado, como imaginava, mas pedras preciosas valiosíssimas.

Um dia, Aladim passeava pela cidade, quando escutou alguém anunciar a ordem do sultão:<sup>33</sup> todas as lojas e as portas das casas deveriam ser fechadas, todos deveriam ir para dentro de suas casas e lá per-

32. *Ourives*: pessoa que trabalha com metais preciosos como o ouro e a prata.

33. Ver nota 5.

manecer para que Badr al-Budur,<sup>34</sup> a filha do sultão, pudesse ir ao banho e retornar ao palácio.

Desejando ver o rosto da moça, Aladim se escondeu atrás da porta dos banhos.<sup>35</sup> Quando a filha do sultão chegou perto da porta, tirou o véu,<sup>36</sup> e Aladim pôde ver seu rosto através de uma fresta. Era a primeira vez em sua vida que Aladim via uma mulher sem véu que não sua mãe. Ficou encantado com aquela visão. Badr al-Budur era linda; tinha olhos grandes e muito vivos, nariz e boca bem proporcionados; em resumo, todo seu rosto era perfeito.

Aladim voltou para casa triste e perturbado e se deixou cair no sofá, pensando somente na princesa. No dia seguinte, contou à mãe o que tinha visto: a jóia mais preciosa do mundo, Badr al-Budur:

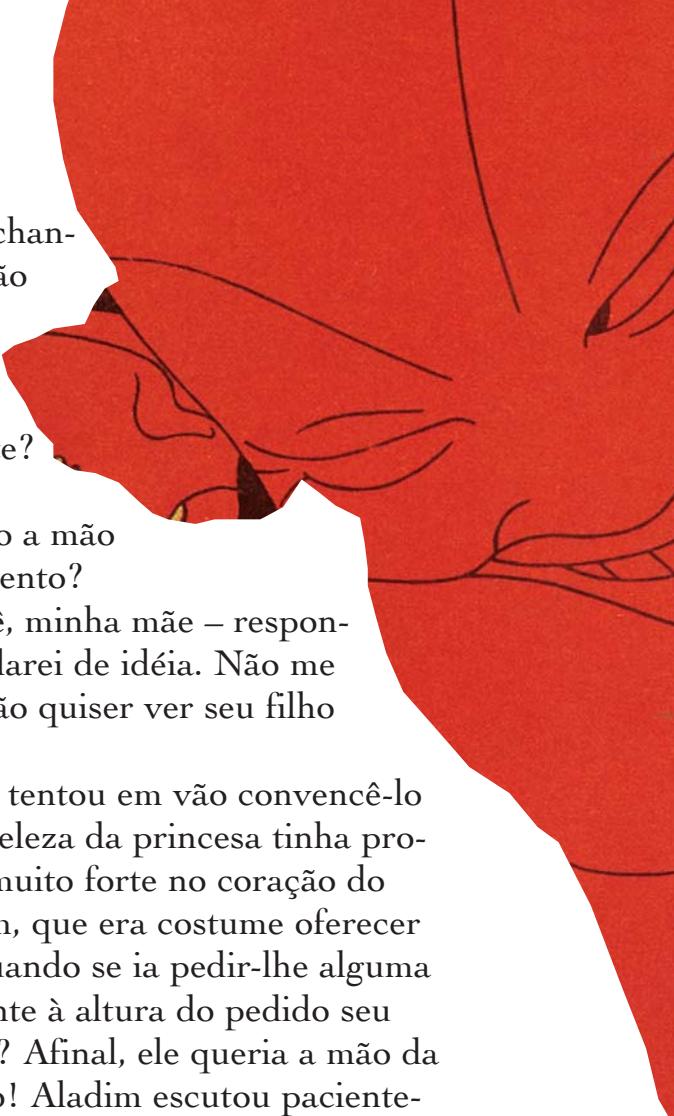
– É por isso que você viu tão triste ontem, minha mãe. Estou tão apaixonado pela princesa que não vou ter sossego enquanto não a pedir em casamento.

Ao ouvir as palavras do filho, a mãe de Aladim

34. *Badr al-Budur* significa “lua cheia das luas cheias”. Esse nome corresponde a uma forma de superlativo típica do hebraico e do árabe – é um superlativo não do adjetivo (*bela: belíssima*), mas do substantivo (*rainha das rainhas, lua das luas*).

35. A casa dos banhos, comparável às antigas termas dos romanos, chamava-se *hammám*. Ali, além de se banhar, as pessoas eram massageadas, faziam sauna, etc.

36. A história de Aladim é ambientada numa China muçulmana que, portanto, tem traços culturais da civilização islâmica, como o uso do véu pelas mulheres. Note como os nomes são árabes, não chineses. Note também como a princesa se comporta da forma recatada que o *Alcorão* recomenda; Aladim só consegue ver seu rosto inteiro porque a surpreende num momento em que ela acredita que não será vista por nenhum homem.



caiu na gargalhada, achando que aquela idéia não tinha pé nem cabeça.  
Aladim perdera o juízo? Esquecera que era filho de um alfaiate?  
Através de quem ele ousaria pedir ao sultão a mão de sua filha em casamento?

– Através de você, minha mãe – respondeu Aladim. Não mudarei de idéia. Não me negue este favor, se não quiser ver seu filho morto.

A mãe de Aladim tentou em vão convencê-lo a desistir da idéia: a beleza da princesa tinha provocado uma emoção muito forte no coração do filho. Lembrou, porém, que era costume oferecer presentes ao sultão quando se ia pedir-lhe alguma coisa. Ora, que presente à altura do pedido seu filho poderia oferecer? Afinal, ele queria a mão da própria filha do sultão! Aladim escutou pacientemente; depois, mostrou-lhe as pedras preciosas que ele, quando menino, tomara por vidro sem valor. Vistas à luz do dia, brilharam intensamente, enchendo os dois de admiração. Aquele era um presente à altura.

No dia seguinte, Aladim acordou cedo e, impaciente, foi despertar a mãe para que ela fosse até o palácio participar da audiência com o sultão. Ela se vestiu rapidamente, colocou as pedras num vaso de porcelana e partiu. Mas só conseguiu ser recebida

muitos dias depois. O grão-vizir<sup>37</sup> a levou até o sultão. Quando o soberano viu as pedras preciosas, tão perfeitas e brilhantes, ficou espantado:

– Que belo presente! Nunca vi nada mais perfeito e valioso! Este presente é digno de minha filha. Mas seu filho deve esperar mais três meses e depois voltar a fazer o pedido!

Aladim ficou desconsolado com a resposta, mas não desistiu. Três meses depois, sua mãe voltava a falar com o sultão, que já se havia esquecido totalmente daquele primeiro encontro. O grão-vizir o aconselhou a pedir pelo seu consentimento um preço tão alto que aquele desconhecido não conseguisse pagar; assim, ele desistiria de proposta tão insensata. O sultão disse à mãe de Aladim:

– Minha senhora, promessa é promessa. Mas eu não posso dar minha filha em casamento sem saber se ela será recompensada por isso e terá uma vida confortável. Assim, concedo a mão dela desde que seu filho me traga quarenta bandejas de ouro maciço cheias daquelas pedras preciosas que vocês me deram da última vez. Elas devem ser carregadas por quarenta escravos negros conduzidos por quarenta escravos brancos, todos vestidos luxuosamente. Eis as condições!



Quando a mãe lhe contou as exigências do sultão, Aladim esfregou a lâmpada e deu ordens para que o gênio providenciasse tudo o que o soberano queria. No mesmo dia, lá se foram os escravos, vestidos como reis, em direção ao palácio; à sua passagem, a

37. Ver nota 4.

multidão parava para olhá-los com espanto e admiração. Quando chegaram diante do sultão, a mãe de Aladim dirigiu-lhe a palavra:

– Senhor, meu filho Aladim sabe que estes presentes não estão à altura da princesa, mas espera que eles agradem ao sultão e sua filha.

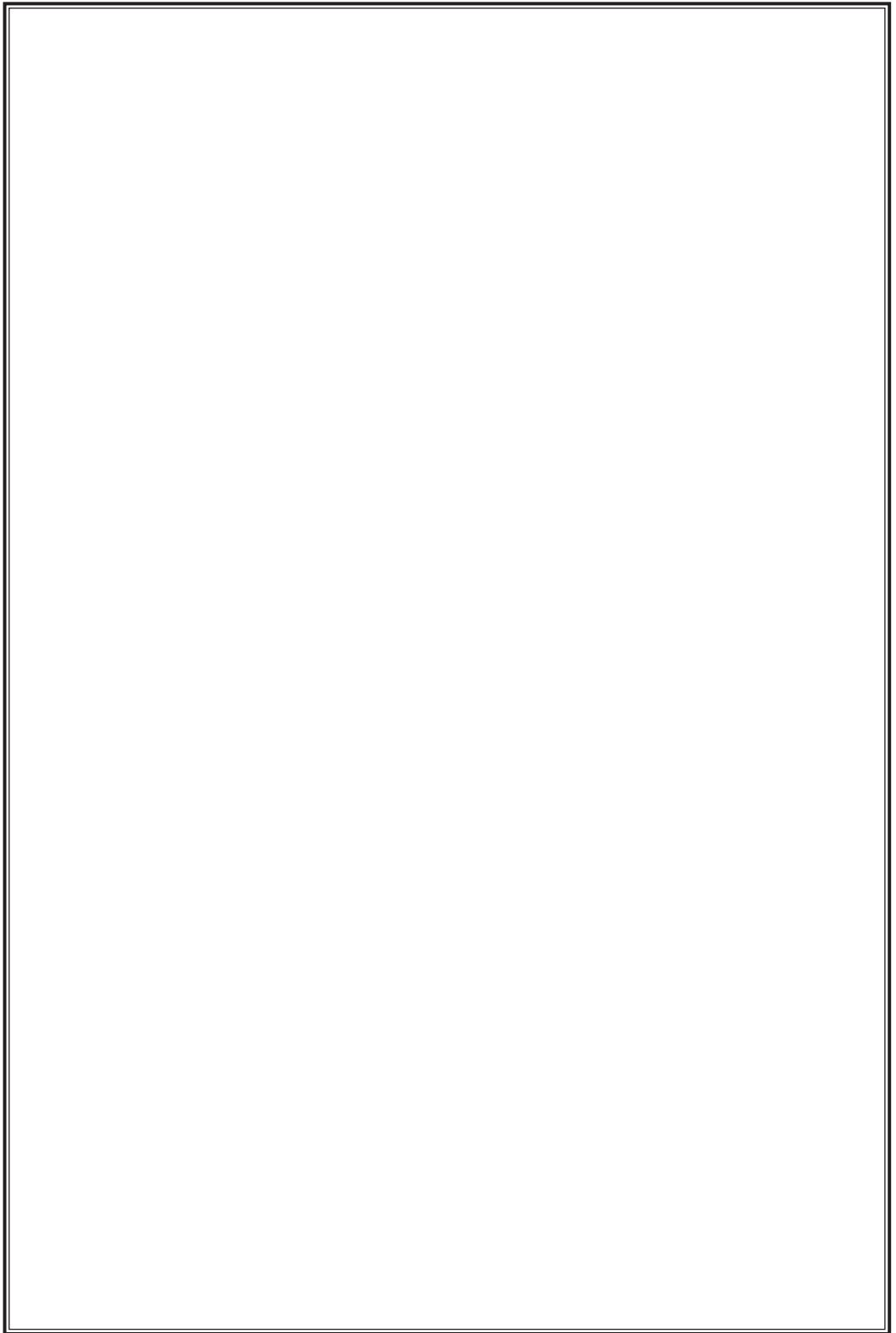
Vendo tamanhas riquezas e a rapidez com que Aladim conseguira atender suas exigências, o rei não teve mais dúvidas e prometeu a mão da filha.

Quando soube da notícia, Aladim pediu ao gênio da lâmpada que o vestisse como um rei e assim se dirigiu ao palácio. Seu aspecto e suas atitudes causaram admiração geral. Mas, quando o sultão pediu que Aladim permanecesse no palácio para que a cerimônia de casamento fosse realizada naquele mesmo dia, o rapaz recusou:

– Antes preciso construir um palácio digno de receber a princesa. Peço a Vossa Alteza que me conceda um terreno para que eu erga nele uma construção à altura de vossa filha.

Mal chegou a sua casa, Aladim fez surgir o gênio e pediu que ele erguesse no menor tempo possível um palácio magnífico em frente ao do sultão. O sol se escondia no horizonte. Na manhã seguinte, o gênio disse a Aladim que o palácio estava pronto. Era magnífico, coberto de ouro, prata e pedras preciosas, luxuoso como nenhum outro jamais tinha havido. A notícia daquela maravilha se espalhou rapidamente. Ninguém conseguia compreender como uma construção tão magnífica surgira de um dia para o outro.

Finalmente, a princesa Badr al-Budur e Aladim



se casaram. O pai da moça não cansava de admirar a beleza do palácio e as qualidades de Aladim.

Mas eis que alguns anos depois o mago africano, que sem querer tornara possível a felicidade de Aladim, voltou a pensar nele. Com seus instrumentos mágicos, conseguiu descobrir que, em vez de morto embaixo da terra, o rapaz estava bem vivo, casado com uma princesa, amado e respeitado por todos. Ele havia descoberto o segredo da lâmpada! Furioso, o mago jurou vingar-se. Imediatamente, partiu em viagem e logo chegou ao reino da China, onde morava Aladim. Ali informou-se sobre ele e seu palácio, decidido a fazer de tudo para recuperar a lâmpada.

Por infelicidade, Aladim tinha deixado o palácio para caçar e permaneceria vários dias longe de casa.

– Está na hora de agir! – disse o mago ao saber da ausência de Aladim.

Depois se dirigiu a um fabricante de lâmpadas e comprou uma dúzia, brilhantes de tão novas que eram. Colocou-as num cesto e se dirigiu ao palácio de Aladim. Por ali, pôs-se a anunciar repetidamente, andando de um lado para o outro:

– Quem quer trocar lâmpadas velhas por novas?

Todos os que o viam, pensavam que se tratava de um doido. As crianças zombavam dele. Ouvindo o barulho, a princesa mandou que uma escrava fosse ver o que estava acontecendo.

– Princesa, – disse a escrava, – está aqui na frente um doido com um cesto cheio de lâmpadas novas em folha. Imagine só: em vez de vendê-las, quer trocar por velhas. As crianças o cercam e zom-

bam dele.

– Lâmpadas?, disse uma outra escrava. – Vossa Alteza deve ter percebido que há uma lâmpada velha no palácio. Seu dono ficará contente quando encontrar uma novinha no lugar dela. Será que esse louco aceitará trocar a lâmpada sem pedir uma compensação pela troca?

A princesa, que não sabia dos poderes da lâmpada, mandou chamar o mago e propor a troca, que foi aceita imediatamente. O mago, com a lâmpada de Aladim em mãos, saiu apressado, deixando o cesto no meio de uma das ruas da cidade. Afastou-se para o campo e ali ficou até escurecer. Então, vendo-se sozinho, pegou a lâmpada e esfregou-a. O gênio apareceu, e o mago lhe ordenou:

– Leve o palácio que você construiu com todas as pessoas que estão dentro dele para a África, num lugar que eu lhe indicarei.

No dia seguinte, qual não foi a surpresa do sultão quando se levantou da cama e foi espiar de uma janela, como costumava fazer, o palácio de Aladim e sua filha. Viu apenas um espaço vazio: tudo tinha desaparecido! Furioso, ordenou que fossem buscar Aladim e o prendessem.

Aladim foi conduzido ao palácio. Ao chegar, os guardas tiveram o cuidado de fechar os portões, pois o povo, que amava Aladim e pressentia que desejavam matá-lo, parecia disposto a enfrentar tudo para impedir sua morte. Levaram-no à presença do sultão e este ordenou que o carrasco lhe cortasse a cabeça.

O carrasco fez Aladim ficar de joelhos, tapou-lhe



os olhos com uma venda e manteve-se à espera da ordem do sultão para dar o golpe fatal. Mas o grão-vizir veio avisar o soberano de que a multidão lá fora, revoltada, armara um grande tumulto. O sultão, assustado, mandou libertar o genro. Aquele gesto acalmou a multidão.

A Aladim, que perguntava por que desejava matá-lo, o sultão disse, apontando-lhe o espaço vazio onde se localizava o palácio desaparecido:

– Você deve saber o que aconteceu com seu palácio. Onde está ele? Onde está minha filha? Encontre Badr al-Budur, ou eu mandarei que cortem sua cabeça e, dessa vez, ninguém me impedirá!

Aladim, espantado e confuso, conseguiu que o sultão lhe concedesse o prazo de quarenta dias para encontrar a princesa. Perturbado, foi de casa em casa perguntando se alguém sabia onde estava seu palácio. A maioria das pessoas julgavam que ele tinha perdido a cabeça e, comovidas, lamentavam sua sorte; outras zombavam dele.

Aladim retirou-se para o campo. Estava desesperado. Parou perto de um rio disposto a se lançar nas águas; antes, porém, resolveu dirigir uma prece a Deus. Aproximou-se da água para lavar o rosto e as mãos, quando, de repente, escorregou e quase caiu. Sem querer, acabou esfregando o anel que ainda levava no dedo. Eis que surge o gênio de novo e lhe diz:

– O que deseja? Estou pronto para obedecer ao dono do anel.

– Gênio, – respondeu Aladim, – salve minha



vida, fazendo com que meu palácio retorne ao lugar em que foi construído.

– Isso eu não posso fazer, pois sou apenas um escravo do anel, não da lâmpada – respondeu o gênio.

Aladim pediu, então, que o transportasse para perto da janela de Badr al-Budur e, num instante, Aladim estava na África, junto à janela do quarto da princesa. Uma criada percebeu o rapaz e foi avisar a patroa. Badr al-Budur mostrou ao marido como entrar em seu quarto por uma porta secreta. Os dois abraçaram-se entre lágrimas quando se viram



reunidos de novo depois de vários dias de ausência. A princesa contou o que acontecera e que o mago levava sempre consigo, atada ao pescoço, a lâmpada causadora daquela infelicidade. Aladim então teve uma idéia:

– Vou trocar de roupa com algum camponês da região, entrar numa dessas lojas onde se vendem remédios e poções e comprar um certo pó que você colocará na taça em que costuma beber. Quando o mago vier a seu quarto, finja que você está muito feliz com a presença dele, sorria muito e convide-o para jantar. Diga que você está com muita vontade de saborear o vinho típico da região. Ele irá trazer uma garrafa e

você encherá sua taça de vinho. Quando forem beber, diga que é costume de seu país os apaixonados trocarem suas taças para beber desejando boa sorte um ao outro. Ele pegará a taça com o pó, beberá o vinho e o veneno.

A princesa prontamente concordou com tudo. Aladim comprou o pó e lhe deu. Para o jantar daquele dia, Badr al-Budur vestiu sua mais bela roupa e cobriu-se das jóias mais preciosas. Quando o mago veio a seu quarto, ela o recebeu sorridente e convidou-o a sentar-se a seu lado, coisa que jamais acontecera antes. O mago ficou ao mesmo tempo espantado com a beleza da princesa e admirado por ela o tratar daquela forma em vez de desprezá-lo, como vinha fazendo até aquele momento. Quando ela disse que desejava experimentar o vinho da região, o mago lhe falou das qualidades do vinho africano e pediu-lhe permissão para ir buscar um vinho excelente que ele reservava para uma ocasião especial.

– Pegue-o para nós – disse a princesa, mas volte logo. Ficarei esperando impacientemente a sua volta.

E lá se foi o mago buscar o vinho, todo contente. A princesa pegou uma taça e nela colocou o pó que Aladim lhe dera. Quando o mago voltou, puseram-se os dois à mesa para o jantar. Encheram-se as taças e Badr al-Budur disse ao mago:

– Não sei como aqui na África as pessoas que se amam fazem brindes para desejar boa sorte uma à outra. Nós, na China, trocamos de taças, brindando à saúde das pessoas que amamos.

Depois de dizer essas palavras, a princesa esten-

deu a mão, oferecendo sua taça ao mago, que fez o mesmo. O mago bebeu até a última gota, de uma vez. Por fim, seus olhos reviraram e ele, pálido, caiu para trás, sem sentidos. Quase no mesmo instante, Aladim entrou no quarto, aproximou-se do mago e lhe tirou a lâmpada que trazia ao pescoço. Esfregou-a, então, e pediu que o gênio transportasse o palácio e tudo o que nele havia para o mesmo lugar da China onde fora construído. Em pouco tempo, seu desejo foi satisfeito.

Quando o sultão viu de novo o palácio e a filha e soube de tudo o que o mago tramara, pediu perdão a Aladim por o ter tratado tão injustamente. O corpo do mago foi abandonado no campo para ser devorado por animais e aves.

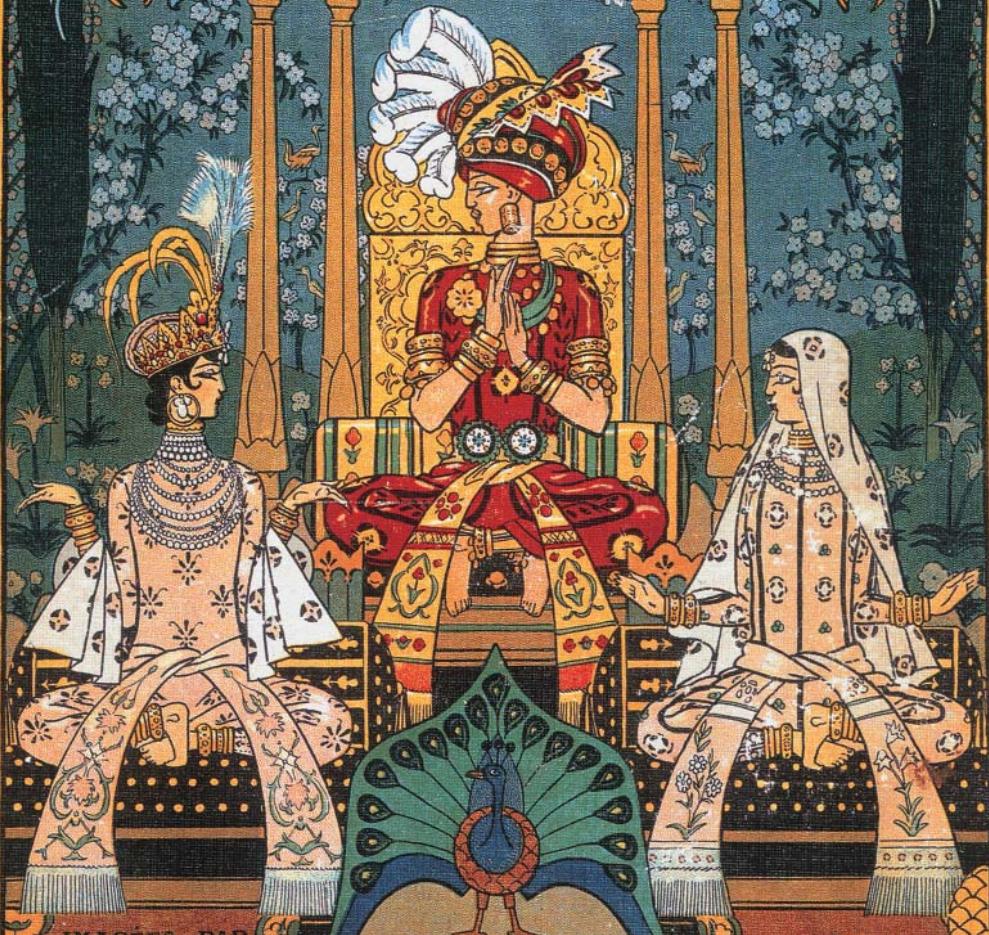
O sultão mandou que anunciassem a todo o povo as boas notícias; depois, proclamou dez dias de festa para comemorar o retorno de sua filha, a princesa Badr al-Budur, de Aladim e do palácio. Não muitos anos depois, o sultão faleceu. A princesa era sua única herdeira e o poder supremo coube a Aladim. O novo sultão governou seus súditos com sabedoria e bondade. Badr al-Budur e Aladim tiveram filhos que se tornaram ilustres naquele reino.







# LES MILLE ET UNE NUITS



IMAGEES PAR

R. Je la Nérière

MAISON ALFRED MAME ET FILS

## Créditos das ilustrações

---

- Páginas 2, 16, 17 e 19

J. Carelman, colagens para *As Mil e Uma Noites*, 1958

- Páginas 4, 5, 11, 15, 32, 48 e 69

Léon Carré, para *As Mil e Uma Noites*, Ed. Piazza, 1931

- Página 7

Gravura extraída de *As Mil e Uma Noites*, traduzido por Galland

- Página 8

J. F. Lewis, *O Bazar*

- Páginas 9, 12 e 23

Léon Bakst, figurinos para o balé *Xerazad*, de Diaglev

- Página 13

Simonidy, 1919

- Páginas 20, 21, 29 e 36

Edmund Dulac, para *As Mil e Uma Noites*

- Página 22

Iluminura árabe, 1550

- Página 25

Miniatura do século XVIII, escola de Kotah

- Páginas 27 e 64

Maxfield Parrish, *A cidade de cobre*

- Página 31

Francesco Rinaldi, 1787, *Retrato de mulher mogol*

- Páginas 49, 53 e 56

Miniatura turca, *Albergue para viajantes*

- Página 65

E. J. Detmold, *Simbad*

- Página 72

H. J. Ford

- Página 76

F. G. Cooper, 1924

- Páginas 77 e 90

Mohammed Reza Ye Hendi, miniaturas persas do século XVIII

- Página 101

R. de la Nezière

